



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIANA DA SILVA NASCIMENTO

**PESQUISA NA GRADUAÇÃO: O PERCURSO DE FORMAÇÃO DO(A)S
GRADUANDO(A)S PARA A PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA (CFP/UFCG)**

CAJAZEIRAS - PB

2024

MARIANA DA SILVA NASCIMENTO

**PESQUISA NA GRADUAÇÃO: O PERCURSO DE FORMAÇÃO DO(A)S
GRADUANDO(A)S PARA A PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA (CFP/UFCG)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Dr. Alexandre Martins Joca.

CAJAZEIRAS - PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

N244p	<p>Nascimento, Mariana da Silva.. Pesquisa na graduação: o percurso de formação do(a)s graduando(a)s para a pesquisa no curso de pedagogia (CFP/UFCG) / Mariana da Silva Nascimento. - Cajazeiras, 2024. 61f. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins Joca. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Formação de professor. 2 Pesquisa e Universidade. 3. Pesquisa na Graduação. 4. Pesquisador. 5. Pedagogia - Centro de Formação de Professores - Universidade Federal de Campina Grande. 6. Ensino Superior - Cajazeiras -Município - Paraíba. I. Joca, Alexandre Martins. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 377.8

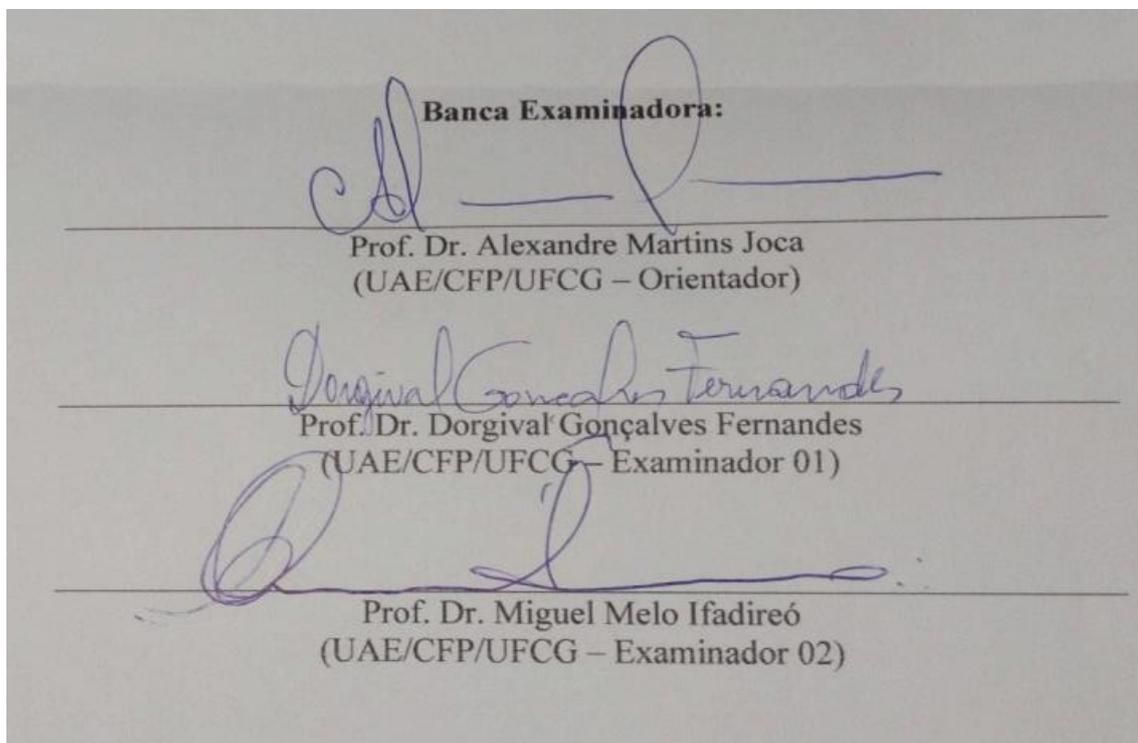
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos SaraivaLourenço CRB/15-046

MARIANA DA SILVA NASCIMENTO

**PESQUISA NA GRADUAÇÃO: O PERCURSO DE FORMAÇÃO DO(A)S
GRADUANDO(A)S PARA A PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA (CFP/UFCG)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Dr. Alexandre Martins Joca.



CAJAZEIRAS - PB

2024

A minha família!

*A meu avô materno (meu pai de criação) e especialmente a
minha avó (minha mãe de criação) que infelizmente já não
se faz presente fisicamente entre nós.*

Para ela, que tanto sonhou com minha carreira estudantil.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

“A ciência é evidentemente obra coletiva”

(Vieira; Pinto, 1979, p. 69)

Primeiramente, agradeço de todo coração a Deus, aquele que de fato sempre esteve comigo em todos os momentos de angústia e ansiedade. A Ele, por ter me guardado durante todo o decorrer do curso. A Ele, por ter me dado forças, coragem e perseverança nos momentos mais difíceis. Agradeço ao Senhor, por ter ouvido todas as minhas orações e por me guiar até este momento maravilhoso.

Agradeço grandemente aos meus avós maternos, meus pais de criação, por todo o cuidado, amor e carinho. Infelizmente minha avó já não se faz presente fisicamente neste plano, mas sei que ela acompanha todos os meus passos, e imagino o quanto ela está feliz.

Ao meu avô, meu pai de criação, agradeço por ter me apoiado durante toda a minha vida acadêmica.

A minha mãe e ao meu pai (de sangue), por me apoiar durante o decorrer de todo o curso.

A minha irmã Marina e ao meu irmão Márcio, por todo o carinho e ajuda durante o meu primeiro estágio. Ambos me ajudavam confeccionar as atividades para os(as) alunos(as). Eu não poderia ficar estressada sozinha, né! Eles tinham que vir junto! E a cada dia que se passava sempre falavam “esse estágio não termina mais não?”, “ não inventa mais essas atividades, só dá trabalho pra gente”, “ por isso não quero ser professora”, “Mariana, não aguento mais ouvir música de criança”, entre outras coisas. Apesar do momento de estágio ser bem cansativo durante o curso, para além de aprender muitas coisas na escola, também tive a alegria de conversar, rir e brincar com meus irmãos ao envolvê-los durante a montagem de algumas atividades.

A minha tia Maria, por sempre estar ao meu lado durante toda a minha vida.

Meus demais tios e tias, que se fizeram presentes, com apoio e compreensão.

A minha querida vizinha e amiga Carminha por toda ajuda, compreensão e incentivo.

A minha prima Sandy, que sempre esteve presente em todos os momentos de minha vida, agradeço por toda ajuda e paciência.

A meu vizinho e amigo Jorge, por me ajudar logo quando ingressei no curso e por sempre estar me presenteando com livros que venham a agregar no meu conhecimento.

E agradeço, demais, aos amigos que a universidade me presenteou:

A Mariana Duarte, que tem sido uma grande amiga, que me aconselha e também tira o meu juízo do lugar. A você, agradeço demais por ter me ajudado em muitos momentos difíceis, por ter escutado minhas reclamações, meu choro... Por estar sempre tentando me ajudar no que eu preciso, me fazendo enxergar a verdade, mesmo quando não a quero ver. Você tem sido uma amiga maravilhosa.

A Sabrina, por todo apoio, conversas, ajuda e também, por brigar comigo ao falar qualquer palavra inadequada.

A Camila, por toda a sua paciência e ensinamentos.

A Ingrid, por todo seu carinho e compreensão.

A Glauber, pelo carinho, compreensão e brincadeiras.

A Bianca, por todo incentivo e ajuda durante esse processo.

A Flávia (Algoz), pelos momentos de risadas, conversas.

A Fabiana, tão fofinha, pelas conversas, troca de conselhos.

A vocês, meus amigos e amigas que esta universidade me presenteou, eu amo muito vocês, e agradeço por todos os momentos que passamos juntos.

Ao meu orientador Prof. Alexandre Martins Joca, por toda a paciência e ensinamentos durante todo o tempo que trabalhamos, pois juntos consegui aprender muitas coisas. O senhor agregou muito a minha vida acadêmica.

Aos professores: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes e Prof. Dr. Miguel Melo Ifadireó por aceitarem estar presente na banca, agradeço por todos os ensinamentos.

Às Professoras e aos Professores que me ajudaram nesta caminhada.

Enfim, este momento é a realização de um sonho, nosso, a eles que sempre disseram “a única coisa que podemos dar/deixar para você é o estudo”, aos meus pais (querida avó e querido avô).

Agradeço grandemente!

O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então – para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa – eu cultivo um certo tédio.

Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto.

Clarisse Lispector

RESUMO

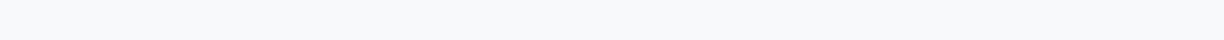
O presente trabalho teve como objetivo compreender o percurso dos(as) formandos(as) no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB, sobre a pesquisa na graduação. Busca resposta para a seguinte indagação: Qual o percurso de formação para a pesquisa dos(as) graduandos(as) do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB? Como aporte teórico autore(a)s como: Bridi e Pereira (2004), Joca e Santos (2020; 2021), Severino (2008), Barzotto (2021), Fernandes (2021), entre outros(as) autores(as) que expressam conceitos, indagações e concepções sobre pesquisa, iniciação científica, formação de professores(as) e a formação de professore(a)s pesquisadore(a)s. O TCC é uma pesquisa qualitativa, de finalidade básica. Utilizou como procedimento metodológico de coleta de dados a entrevista semiestruturada com quatro discentes de graduação do curso de Pedagogia do CFP/UFCG, campus cajazeiras-PB. O trabalho conclui que no curso de Pedagogia existe uma abordagem voltada para a pesquisa, bem como para a formação de professores(as) pesquisadores(as), contudo esta formação não é explícita/intencional, como também não parte da abordagem de todos os(as) professores(as), mas, destacam a orientação e experiência dos(as) professores(as) como um elemento fundamental na formação.

Palavras-chaves: Pesquisa. Pesquisa na Graduação. Formação Inicial do(a) Professor(a) Pesquisador(a).

ABSTRACT

The present work aimed to understand the journey of graduates in the Pedagogy course at the Federal University of Campina Grande (UFCG), Cajazeiras/PB campus, regarding undergraduate research. Search for an answer to the following question: What is the training path for research for graduate students of the Pedagogy course at the Teacher Training Center (CFP), at the Federal University of Campina Grande (UFCG), Cajazeiras campus- PB? As a theoretical contribution, authors such as: Bridi and Pereira (2004), Joca and Santos (2020; 2021), Severino (2008), Barzotto (2021), Fernandes (2021), among other authors that express concepts, questions and conceptions about research, scientific initiation, teacher training and the training of teacher researchers. The TCC is qualitative research, with a basic purpose. As a methodological procedure for data collection, a semi-structured interview was used with four undergraduate students from the Pedagogy course at CFP/UFCG, campus Cajazeiras-PB. The work concludes that in the Pedagogy course there is an approach focused on research, as well as the training of research teachers, however this training is not explicit/intentional, nor is it part of everyone's approach(as teachers, but highlight the guidance and experience of teachers as a fundamental element in training.

Keywords: Research. Undergraduate Research. Initial Training of the Research Professor.



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AINPGP	Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia
CFP	Centro de Formação de Professores
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONEDU	Congresso Nacional de Educação
EF	Ensino Fundamental
FIPED	Fórum Internacional de Pedagogia
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFPB	Instituto Federal de Educação Física e Tecnológica da Paraíba
OMS	Organização Mundial da Saúde
PIBIC	Programa Institucional de Iniciação Científica Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
PPC	Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia
Proeja	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos
Prouni	Programa Universidade para Todos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAE	Unidade Acadêmica de Educação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UnB	Universidade Federal de Brasília
RP	Programa de Residência Pedagógica

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	PROCESSOS DO “FAZER-SE PESQUISADORA” NO CURSO DE PEDAGOGIA: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO	16
	2.1 DE MARIANA E NANANA À MÁ: A VIDA FAMILIAR EM NAZAREZINHO	16
	2.2 DA ESCOLA À UNIVERSIDADE.....	19
	2.3 O ENCONTRO COM A CIÊNCIA E A FORMAÇÃO PARA A PESQUISA	22
3	PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	26
	3.1 ABORDAGEM DE PESQUISA.....	26
	3.2 LÓCUS DA PESQUISA.....	27
	3.3 SUJEITOS DA PESQUISA	29
	3.4 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	31
4	BREVES PERCEPÇÕES: CONHECIMENTO, PESQUISA E UNIVERSIDADE	32
	4.1 COMPREENSÃO: CONHECIMENTO E PESQUISA	32
	4.2 A UNIVERSIDADE	34
	4.3 O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL.....	35
	4.3.1 CURSO DE PEDAGOGIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - CAMPUS CAJAZEIRAS/PB.....	37
5	PESQUISA NA GRADUAÇÃO: FORMAÇÃO INICIAL DO(A) PROFESSOR(A) PESQUISADOR(A)	42
	5.1 RELATOS DE GRADUANDAS DA PEDAGOGIA (CFP/UFCG) SOBRE A FORMAÇÃO PARA A PESQUISA.....	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICES	58

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o percurso dos(as) formandos(as) no Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB, sobre a pesquisa na graduação. Neste sentido, a partir destas percepções dos(as) discentes e suas respectivas compreensão sobre sua formação com/para a pesquisa, compreenderemos como ela está sendo proporcionada pelo curso de Pedagogia no Centro de Formação de Professores – CFP, na Unidade Acadêmica de Educação – UAE.

Para isso, questiono a respeito do percurso de formação para a pesquisa dos/das graduandos/as do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB.

Falar sobre a escolha deste tema é dizer que sua escolha partiu exclusivamente da curiosidade, pois inicialmente desde o momento em que escolhi fazer o curso de Pedagogia pensava em desenvolver o meu trabalho de conclusão de curso na área da matemática e daria continuidade na minha carreira profissional também nesta área, desenvolvendo trabalhos que colaborassem com as metodologias adotadas em sala de aula, especificamente nesta disciplina em virtude de muitos professores(a)s em formação e já formados terem dificuldades em desenvolver e ressignificar a importância dessa na formação do(as) discentes.

Todavia, com o decorrer do curso considerei necessário modificar a minha escolha, mas não conseguia me identificar com as demais áreas e a cada período que passava mais difícil ficava esta escolha, pois buscava por algo um pouco diferente, que de fato chamasse a minha atenção, dessa forma, a escolha desse tema parte do meu desejo de desenvolver um trabalho com foco na formação e construção do(a)s discentes do Curso de Pedagogia, e a partir de comentários feitos por um professor e minha participação em um projeto do PIBIC – intitulado “Concepções teórico/práticas sobre pesquisa na graduação nas ações formativas da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP)”, passei a me interessar cada vez mais por esta área que, de certa forma, se encontra ainda em desenvolvimento.

O meu processo de desenvolvimento no PIBIC foi de grande significância para o desenvolvimento deste TCC, considerando que ao mesmo tempo que eu o encerro, também escrevo este trabalho. Ser bolsista PIBIC me possibilitou um contato prévio com o conteúdo que para mim é verdadeiramente novo, pois inicialmente eu costumava enxergar a pesquisa como algo distante da minha realidade enquanto graduanda, porém hoje compreendo que ela sempre esteve presente. A partir do projeto PIBIC e desta pesquisa consigo entender que a

graduação é o ponto inicial na minha e nas demais vidas profissionais dos(as) discentes presentes e futuros(as) deste curso.

Desse modo, o desenvolvimento deste trabalho é de grande relevância social, principalmente para os(as) novos(as) ingressantes no curso de pedagogia, uma vez que pouco se fala sobre a importância de desenvolver pesquisas na graduação e sua relevância para a formação pessoal e profissional do(a)s graduando(a)s. Essa temática apresenta aos discentes, aos(as) graduandos(as), que estes podem, a partir da graduação, iniciar sua formação enquanto professor(a) pesquisador(a), relacionando teoria e prática, trabalhando e desenvolvendo trabalhos científicos a partir de sua realidade, inquietações e curiosidades.

Contudo, ainda se faz preciso destacar o negacionismo a respeito do saber científico, pois, conforme Joca & Santos (2021) o saber científico, antes inquestionável, atualmente vem sendo negado, com dúvidas e preconceitos. Com isso, ao nos voltar para a produção de conhecimento na universidade, questionam: “[...] A quem pertence a capacidade de produzir e de refletir sobre o conhecimento? [...]” (Joca & Santos, 2021, p. 191), destacando que este faz parte de nossa vida, do nosso cotidiano, pois o nosso modo viver está atrelado a ciência. E que a universidade, e aqueles(as) que fazem parte, busquem refletir e conhecer cada vez mais, o ensino e a aprendizagem, em prol de uma formação voltada para a ampliação do conhecimento científico.

Considerando todo este cenário, é preciso desmistificar nos sujeitos presentes na comunidade acadêmica a ideia de não ser, de não vir a se tornar pesquisador(a) desde a sua graduação, tecendo reflexões, críticas e desenvolvendo trabalhos científicos a partir de suas curiosidades e importância educacional, em prol de um melhor ensino e aprendizagem para o presente e o futuro da sociedade.

Neste sentido, o presente trabalho é composto por 04 (quatro) capítulos, o segundo capítulo é destinado a um relato autobiográfico, apresentando o processo de se “fazer-pesquisadora” no curso de pedagogia. Já, o terceiro, refere-se ao percurso metodológico, apresentando a abordagem adotada, o lócus da pesquisa, a apresentação dos sujeitos e das entrevistas semiestruturadas realizadas. O quarto capítulo, é referente a percepções históricas a respeito da universidade, do curso de pedagogia e uma compreensão sobre conhecimento e pesquisa, portanto, aqui, apresentarei uma breve percepção, referente a estes pilares da sociedade acadêmica, a qual reflete e interfere diretamente na vida social e profissional em sociedade.

Ademais, no quinto capítulo trago reflexões sobre a formação do(a) discente, ou seja, sobre a formação para a pesquisa, a formação inicial do(a) professor(a) pesquisador(a), compreendendo como um processo de grande importância na formação do(a) futuro(a) docente. E por último, no sexto capítulo apresento os desafios e as possibilidades relatados pelos discentes entrevistados, relacionando suas percepções sobre suas vivências no curso com sua formação para a pesquisa.

Assim, busquei estudar e apresentar este tema por ser de grande relevância social, tendo em vista que pode proporcionar aos discentes presentes e os futuros que ingressarem neste curso, como também nas demais licenciaturas a compreensão de se verem como pesquisadore(a)s desde sua formação inicial do ensino superior, ou seja, compreenderem a graduação como o primeiro passo para sua jornada enquanto futuros professore(a)s pesquisador(a)s.

2. PROCESSOS DO “FAZER-SE PESQUISADORA” NO CURSO DE PEDAGOGIA: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Este texto trata-se de uma narrativa autobiográfica sobre minha trajetória acadêmica, sobre os meus caminhos como pessoa e estudante. Para isso, trarei um pouco sobre quem eu sou e sobre o início de minha vida escolar, para então chegar a minha escolha profissional, dimensões que se encontram. Sobre os (des)encontros nas trajetórias do “fazer-se pesquisador(a)”, Joca e Santos (2020), partem de

[...] algumas premissas: a primeira delas pauta-se no argumento de que o fazer-se ou tornar-se pesquisador(a) funda-se, de um lado, no inacabamento, no aprender constante, por parte do(a) pesquisador(a); de outro, na provisoriidade, no devir, no dinamismo, pois a “pesquisa social é sempre tateante” (MINAYO, 1994, p.13). A segunda premissa consiste em pensar a pesquisa como uma ação coletiva, dialógica, em constante interação com “o outro” e com o mundo e, a terceira reside no reconhecimento da historicidade, implicada no processo investigativo, ou seja, da relação da pesquisa com dimensões sócio históricas, nas quais o(a) pesquisador(a) está inserido(a). A quarta premissa vincula-se à ideia de que não há um caminho único, um manual ou uma prescrição padronizada que devamos seguir

Baseada nessas premissas, dois espaços se destacam: a família e a escola. Minha intenção aqui é relatar minha própria experiência e percepção da formação para a pesquisa, proporcionada pelo curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores – CFP, na Unidade Acadêmica de Educação – UAE, na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras/PB.

2.1 DE MARIANA E NANANA À MÁ: A VIDA FAMILIAR EM NAZAREZINHO

Meu nome é Mariana da Silva Nascimento, mas também costumam me chamar de Mari, ou como minha priminha quando era pequena costumava me chamar de Nanana, ou até mesmo como uma amiga que fiz na universidade me chama as vezes de Má, enfim acabei ganhando muitos apelidos carinhosos durante o tempo que tenho de vida. Sou uma mulher de pele escura, ou seja, sou negra, e atualmente tenho vinte e dois anos de idade (23 anos). Nasci no dia vinte e cinco de setembro de dois mil e um (25/09/2001), na cidade de Sousa, na Paraíba, mas sempre morei na cidade de Nazarezinho, também pertencente a este estado.

Neste sentido, eu nasci no início do século XXI, quando houve grandes acontecimentos na história do país e do mundo, entre estes acontecimentos, conforme consta no site do G1¹, pode-se citar: o ataque terrorista às torres gêmeas do World Trade Center e ao Pentágono, em Nova Iorque, no dia 11 de setembro de 2001; a guerra no Iraque, que se iniciou no mês de março de 2003 e perdurou até dezembro do ano de 2011; e a eleição do primeiro presidente afro-americano Barack Obama, nos Estados Unidos, em 20 de janeiro de 2009.

No Brasil, conforme posto pelo Ministério da Educação², no início do século XXI, no ano de 2001, entra em vigor o Plano Nacional de Educação-PNE, com duração prevista para 10 anos; dois anos depois, é implementado no currículo de escolas, públicas e particulares; no ano de 2005, nos cursos de formação de professores foi inserida no currículo a Língua Brasileira de Sinais - Libras; em 2006, tem-se a criação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Ensino de Jovens e Adultos – Proeja; no ano de 2007, foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - Ideb; e em 2009, a obrigatoriedade da educação básica passou a ser de 4 a 17 anos de idade.

Ademais, sou a filha primogênita de meus pais biológicos, e tenho dois irmãos, chamados de Marina e Márcio (o caçula), mas também me considero a filha mais nova dos meus avós maternos, pois fui criada por eles desde os meus onze meses (11 meses) de idade. Minha avó se chamava Francisca, mais conhecida como Chica, infelizmente ela faleceu quando eu tinha apenas treze anos (13 anos), este momento considero como o mais difícil e doloroso de minha vida, o qual me deixou uma dor que não consegui curar até o presente momento que escrevo estas linhas, mas adianto que acredito que esta seja uma dor incurável, e que a mesma só ameniza com o passar do tempo, mas deixo claro que os anos que convivi com a minha avó, minha mãe de criação, foram os melhores que já tive até hoje, ela foi uma mãe maravilhosa, doce, compreensiva, carinhosa e muito cuidadosa, sempre me queria ao seu lado. Lembro me bem dos seus abraços, do seu colo, para o qual eu corria todas as vezes que tinha medo e precisava do seu carinho, naquele colo eu me sentia segura, protegida e acreditava que nada poderia me machucar.

Enfim, escrever sobre está parte da minha vida, sobre a minha mãe de criação, me recordo de muitas coisas que vivi ao seu lado, e apesar de serem felizes, acabo por escrever

¹ Informações retirada do site: <https://g1.globo.com/noticias/mundo/0,,mul1428190-5602,00-acontecimentos+que+marcaram+a+primeira+decada+do+seculo+xxi.html>

² Informações retirada do site: <https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao/institucional/historia/2000-2009>

com muitas lágrimas escorrendo pelos os meus olhos, pois como já falei a dor até ameniza com o passar do tempo, mas me parece que a saudade só vai aumentando. E em relação ao meu pai de criação, ele se chama Raimundo, sempre foi muito cuidadoso e afetuoso comigo, e após a morte da minha mãe de criação, nós nos aproximamos mais.

Para contextualizar, como inicialmente falei, me considero a filha mais nova dos meus pais de criação, destaco que os mesmos tiveram doze filhos (12 filhos), dos quais dois morreram quando ainda eram crianças, e dos dez, três são do sexo feminino e os demais do sexo masculino, as três mulheres se casaram e um dos homens também e saíram de casa, já os demais até o momento da morte da mãe e por mais algum tempo (respectivamente diferente entre cada um) permaneceram em casa e depois alguns saíram. Estou discorrendo sobre isso para destacar o motivo de me considerar a mais nova e também de ter crescido em um lar com muitos homens e com uma mulher forte que era a minha mãe de criação, pois ela sempre foi o pilar de nossa família, ela sempre teve, como falamos popularmente, “a última palavra”, ou seja, depois que ela disse algo, pronto, estava dito, mas também acabava por carregar muitas responsabilidades, as quais, infelizmente, foram transferidas para mim. Neste sentido, aos treze anos de idade passei a ter responsabilidades e a tomar decisões de adultos, ou seja, cresci bem antes mesmo da minha idade.

Sobre isso, Bee (2003) discorre que crianças de famílias estruturadas, que proporcionam atenção, carinho e afeição, tendem a ser confiantes, independentes e afetivas, pois se relacionam bem com seus pais e pares. É no seio familiar que consistem as primeiras aprendizagens, os primeiros saberes, como por exemplo: o respeito, a religião, a cultura, temperamentos, desejo, necessidades, pois conforme Alves e Marinho (2012, p. 495) “a criança ao nascer tem por necessidade o afeto, que nada mais é do que a satisfação de suas necessidades (corporais ou psíquicas), que farão parte no seu desenvolvimento físico e mental [...]”.

Para mim, pensar na família é pensar no lugar do afeto e “[...] o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento [...]” (Alves; Marinho, 2012, p. 498). Em se tratando do histórico da educação em minha família, vale ressaltar que meus avós paternos e maternos não tiveram a oportunidade de estudar, e não sabiam/sabem ler ou escrever, já os meus pais, apesar de terem a chance de estudar, meu pai precisava trabalhar para ajudar os seus pais, e a minha mãe estudou apenas até a quarta série.

Para mais, com essa breve apresentação sobre mim e minha criação, parto para a minha vida estudantil. Conforme minha madrinha me relembra, eu não tinha tanta vontade de estudar logo quando entrei na escola, e isto foi aos meus 6 anos de idade, e como minha prima Sandy, mesmo sendo mais nova, já sabia ler e escrever, foram ela e sua mãe as principais, nessa etapa, a me ensinarem a ler e escrever, e como eu já frequentava a escola, comecei a me desenvolver. De acordo com as autoras Alves e Marinho (2012), a convivência que vem a ser estabelecida na escola, em sala de aula, com os colegas, é a oportunidade de adquirir novas informações, e estas, podem vir a ser confrontadas, com aquelas adquiridas no seio familiar, mas impulsionaram a pensar, refletir, interpretar e assimilar ambos os conhecimentos.

2.2 DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

Eu estudei do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I na Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Mendes. Durante este tempo, também, fiz aulas de reforço escolar durante o turno da tarde. Do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II ao 3º ano do ensino médio, estudei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Augusto Campos.

Ambas as instituições citadas eram escolas públicas estaduais e considero ter tido a oportunidade de estudar com bons/boas professore(a)s, e de alguma maneira todo(a)s contribuíram para a minha formação. Ademais, uma das primeiras mudanças que nós, como estudantes, temos ocorrem na transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II, pois deixamos de ter apenas um professor(a) e passamos a ter um para cada disciplina. Essa já foi uma grande diferença para mim, mas também algo que acabei por me acostumar e também gostar com o decorrer dos anos, considerando que o(a)s professore(a)s trabalhavam de forma diferente, sendo que, enquanto estudantes, sabemos que algumas aulas nos chamam mais atenção, apesar de todas serem importantes.

Ao começar a fazer o Ensino Médio começaram-se as perguntas como: O que você que ser? Qual curso você que fazer? Qual será sua profissão? bem como os meus próprios questionamentos: Afinal, qual curso quero/devo fazer?; e com isso resolvi que gostaria de fazer o curso de enfermagem. Continuei com esse pensamento no decorrer de todo o ensino médio, porém após a realização do ENEM, eu tive que escolher duas opções. Inicialmente logo escolhi enfermagem, mas e a segunda opção, nessa eu pensei bastante, então minha prima Sandy falou, “você deveria escolher matemática ou química” (disciplinas as quais sempre me identifiquei), mas eu não quis. Daí ela falou “E Pedagogia? É uma boa profissão e você vai

trabalhar com crianças” (sempre gostei muito de crianças). Concordei com ela e esta foi a minha segunda escolha. Mas, no final só poderia ser uma, então abri mão da enfermagem, e embarquei na Pedagogia sem ao menos conhecer de fato o que me esperava.

Marques (2012) discorre que no Brasil, no ano de 2010, de acordo com o censo demográfico, apenas 12,8% de jovens pretos e 13,4% de jovens pardos tinham acesso ao ensino superior, mas o total de pessoas brancas era de 31,1%. Contudo, o Brasil, vem adotando políticas afirmativas para uma maior ingressão de pessoas negras, segundo Jaccoud e Beghin (2002, p. 67), “[...] as ações afirmativas são políticas que: Têm por objetivo garantir a oportunidade de acesso dos grupos discriminados, ampliando sua participação em diferentes setores da vida econômica, política, institucional, cultural e social [...]”, e estas ações se restringem só ao sistema de cotas raciais ou sociais na universidade, mas também a:

[...] erradicar da sociedade as práticas discriminatórias dirigidas a determinados grupos sociais, historicamente excluídos e cujo reconhecimento e prestígio social sejam baixos ou mesmo inexistentes. Ao direito à igualdade foi acrescentado o direito à diferença e à diversidade, cuja proteção advém do princípio da equidade [...] (Marques, 2018, p. 4)

Contudo, Marques (2012) ainda ressalta, que apesar dos avanços políticos e sociais, para pessoas pardas, negras ou indígenas, ainda é defasado, considerando, que precisa ser visualizado e compreendido por toda a sociedade o sofrimento e enfiamento dessas pessoas ao longo da história. No Brasil, conforme Alcântara e Silva Júnior (2020, p. 131):

[...] Enedina Alves Marques [...] foi a primeira mulher negra a se formar no ensino superior no Brasil, no curso de Engenharia Civil, no ano de 1945 na Universidade do Paraná. Ela que era a única mulher de sua turma numa sociedade pós-abolição, sem políticas públicas de educação ou qualquer outra perspectiva de ascensão social para o povo negro. Não causa nenhuma surpresa destacarmos que a mesma passou por diversas opressões e discriminações para concluir o curso.

Posto isso, é notável o quanto os homens negros e as mulheres negras tiveram de lutar firmemente durante sua/uma história. Moreira (2021) aponta a necessidade da comunidade universitária repensar e se (re)construir, reconhecendo a importância de pessoas negras como construtoras de sua trajetória e de desconstrução da realidade a eles(as) imposta.

Deste modo, só tenho a agradecer, lembrar e lutar com orgulho para o ingresso de pessoas negras, de mulheres negras no ensino superior, nas universidades, e em todos os espaços de poder. Assim, antes de ingressar no curso, eu pensava inicialmente que o curso de Pedagogia seria apenas para me ensinar a “como ensinar”, e posso lhes falar que a

universidade me mostrou um mundo novo, ressignificou o meu olhar para muitos campos da minha vida, tanto profissional quanto pessoal. Foram tantas impressões, mudanças e acontecimentos, e dentre eles vou citar alguns: de início, minha primeira impressão ao entrar na universidade foi que ela era muito grande. Atualmente, depois de ter conhecido outras, já a considero relativamente grande; em seguida, tive a noção quantas pessoas de fora se deslocavam até ela; a distância que se era falada entre o corpo docente e discente, atualmente já não considero tanto. Vai sempre depender das pessoas (docentes e discentes); há burocracia para tudo que se vá fazer; e por último, o grau de dificuldade para cada disciplina.

Freire (1982, p. 4) fala, “[...] eu não leio para me forma-me; eu me formo também lendo [...]”, ou seja, para o autor, significa dizer que não se deve fechar as portas para a leitura da palavra, mas esta não se dá sem a leitura de mundo. Situando que, no momento em que aqueles que se fazem presentes na sala de aula possam relatar a partir de sua visão e experiência, grandes conhecimentos implicam na vida acadêmica, pois expressão sua compreensão criticamente.

Ou seja, ao trazer essa reflexão para minha experiência, realidade, vejo o quanto a universidade aprofundou criticamente a minha leitura de mundo, através da leitura da palavra e da própria leitura de mundo, dos demais que me rodeavam. O diálogo estabelecido entre professores(as) e discentes, e entre os(as) discentes sobre questões políticas, históricas, sociais e culturais traz um aprofundamento nas aprendizagens de mundo e da palavra, pois se aprende com o diálogo, com as experiências, com os trabalhos desenvolvidos (produções textuais, projetos de pesquisa e projetos de extensão).

Então, posteriormente, após fazer minha matrícula no curso, no dia seguinte fui para a aula, apreensiva e com medo. Medo de não conseguir! Medo de não ser capaz ou tão inteligente quanto os demais! Medo de não me adaptar ao curso! E até mesmo, medo da didática/metodologias do(a)s docentes! Enfim como é dito popularmente “eu fui com a cara e a coragem”. Pois, como é dito anteriormente, eu sou uma mulher negra, vinda de uma família de pessoas simples e sem estudos, para mim e para minha família, essa foi uma grande conquista. Eu não tinha um conhecimento tão aprofundado sobre universidade, achava que era algo parecido com os meus estudos do ensino médio, só que algo mais aprofundado, mais rígido e com o foco na profissão que escolhesse estudar. A respeito de pesquisa, eu não sabia o que era, e quando pensava na questão do TCC, que todos falavam que era um trabalho muito difícil de se fazer, pensava que iria utilizar livros. Vemos, a luta de pessoas negras e de pessoas pobres para ingressar e permanecer nas universidades.

Logo quando ingressei na universidade, frequentei poucos dias presencialmente, pois logo veio a pandemia da COVID-19³, A Organização Mundial da Saúde – OMS, decretou estado de pandemia em 11 de março de 2020, em relação a Covid-19, está é uma infecção respiratória aguda, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Com esta infecção globalizada, e com o decreto de pandemia, as pessoas de todo o mundo ficaram em isolamento, e, tempos depois, as aulas passaram a ser de forma remota. Um modelo ao qual professores(as) e alunos(as) iriam ter de aprender juntos a como ensinar e aprender. Para este ensino foi preciso uma compreensão de ambas as partes, tanto docentes quanto discentes, pois para este ensino era necessário ter um bom celular, computador, notebook ou tablete, e também internet em sua residência, materiais estes que para muito(a)s era algo distante de sua realidade.

2.3 O ENCONTRO COM A CIÊNCIA E A FORMAÇÃO PARA A PESQUISA

O texto acadêmico, para mim que vim de um ensino fundamental e médio de escolas pequenas que não adotavam tanto a prática da reflexão, foi bem difícil! Agradeço a uma professora de língua Portuguesa, do meu ensino médio, uma vez que, se não fosse ela, acredito que não teria o mínimo de noções dessa escrita. Inicialmente, o meu primeiro impacto foi o tamanho dos textos, eram extensos e densos, sem contar as inúmeras palavras que não conhecia, não sabia o seu significado, então a compreensão desses textos era bem difícil, mas com o passar do tempo, e das leituras, fui buscando o significado, prestava atenção quando o(a) professora falava, e em que lugar de sua fala ele(a) a citava.

Logo, após o impacto com a leitura veio a escrita. Os(As) professores(as) solicitavam produções que eu não sabia o que eram, pois nunca tinha visto, não sabia sua estrutura, enfim não sabia nada, e muitas da vezes me pegava pensando em desistir. Imaginava que isso não era pra mim! Que eu, não era inteligente o suficiente para estar naquele lugar. Mas, depois de derramar algumas lágrimas, eu continuava buscando na internet, e no fim realizava todos os trabalhos (alguns melhores que outros, a exemplo de produção de cartas, pois era algo que eu tinha um certo contato, e sua linguagem era menos formal). Ademais, a escrita foi se tornando algo mais confiante, e para isto, acredito que o essencial foi a ajuda dos(as) professores(as), porque, apesar de fazer muitas leituras e observar as escritas dos(as) autores(as), a explicação

³ Informação retirada dos sites: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19> e <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/03/09/decretacao-da-pandemia-pela-oms-completa-dois-anos#:~:text=LOC%3A%20A%20DECRETA%C3%87%C3%83O%20DO%20ESTADO,COM%20O%20REP%C3%93RTER%20RODRIGO%20RESENDE>

do(a) professor(a), a sua correção, orientação, o seu direcionamento a partir de seus conhecimentos, de sua própria experiência foi o ponto principal.

Com o decorrer do curso e a cada disciplina, fui aprendendo progressivamente! As leituras ficaram mais compreensivas! Óbvio que ainda há muitos textos que necessitam de muitas releituras para serem compreendidos e até mesmo outros que mesmo após muitas releituras, ainda necessito buscar para além dele, para que de fato possa ter uma boa compreensão. Ainda em relação a escrita acadêmica, considero que a mesma vem melhorando a cada produção que realizo. Descobri neste curso que também posso ser uma pesquisadora, uma professora pesquisadora. Contudo, como cheguei a esse entendimento?

A princípio não passava pelos meus pensamentos que durante o curso eu desenvolveria tantas pesquisas. Isso era algo que enxergava longe da graduação! Imaginava que a pesquisa só acontecia a partir da pós-graduação. Mesmo realizando pesquisas e desenvolvendo artigos, ainda assim só passei a compreender que se faz pesquisa na graduação por meio da minha participação, como bolsista, em um projeto de pesquisa, via PIBIC, intitulado “Concepções teórico/práticas sobre pesquisa na graduação nas ações formativas da associação internacional de pesquisa na graduação em pedagogia (AINPGP)”. Para o desenvolvimento deste projeto eu precisei conhecer um pouco mais sobre pesquisa e sobre o desenvolvimento desta, e para isto além das leituras realizadas e a exploração do site da Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia – AINPGP⁴, também realizei entrevistas com o atual e ex-presidentes(as) da associação, e isto foi algo, de fato, maravilhoso para mim! Antes de ser maravilhoso, também senti um pouco de medo, ansiedade por ter de entrevistar professores(as) doutores(as). Contudo, foi muito bom! Todos e todas foram fantástico(a)s! Me senti acolhida por eles(elas) e acabei por me encantar mais ainda pelo tema, pela forma deles(as) falarem sobre a importância da pesquisa na graduação. Inclusive ao escrever estas palavras me recordo perfeitamente de um brilho no olhar de uma das professoras que entrevistei. A forma como ela me falava de suas experiências já vividas com a pesquisa nessa Associação, e mais especificamente no Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED⁵, evento

⁴ A Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia – AINPGP, é uma associação que promove um espaço de desenvolvimento para a pesquisa científica, com fóruns no Brasil e no exterior, com um espaço voltado para conversas/debates entre discentes e docentes que participam/desenvolvem/escrevem, artigos, projetos de pesquisa ou extensão. E a associação, também faz publicações, ou seja, a socialização do conhecimento, visibilizando os conhecimentos produzidos na Graduação, com discentes graduandos(as).

⁵ O Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED, é um evento promovido pela AINPGP, este evento é, em prol de promover um debate entre discentes (graduação, pós-graduação e demais) e docentes, afim de proporcionar um espaço de divulgação de conhecimentos, que contem com a participação de graduandos. Ou seja, fortalecer a divulgação de pesquisas científicas produzidas por discentes da graduação, tanto de Pedagogia, como de demais áreas afins.

desenvolvido pela associação, foi de fato marcante para mim. Com toda certeza, para minha formação, consegui enxergar, a partir de suas palavras e de seu olhar, o quanto o ato de pesquisar, de desenvolver textos que proporcionem uma melhora para o trabalho desenvolvido em sociedade é fundamental.

Entendi, também, o quanto este evento em específico faz uma grande diferença na vida de nós graduandos(as), considerando que ele nos proporciona experiências únicas, e nos motiva a pesquisar cada vez mais, compreendendo que mesmo que estejamos no início de nossa formação enquanto professores(as), também estamos iniciando a nossa formação enquanto pesquisadores(as).

A universidade, o curso, podem nos ofertar boas oportunidades, desde que queiramos e as busquemos, para além das aulas, dos conhecimentos que nos é orientado por cada docente, pelos textos acadêmicos desenvolvidos, também podemos nos envolver em muitas atividades, e fazendo uso de meu exemplo posso lhes dizer que para além das atividades citadas acima, participei de um projeto de extensão⁶, o projeto de pesquisa, de eventos proporcionados pela universidade como seminários, palestras e congressos, e a produção dos artigos me possibilitaram participar do CONEDU⁷ (duas vezes, uma na cidade de João Pessoa/PB e outro na cidade de Fortaleza/CE), bem como a partir do projeto de pesquisa participei do FIPED (na cidade do Crato/CE).

Assim, a participação nesses eventos proporcionou a publicação de artigos e de resumos expandidos, me possibilitou conhecer novas cidades, como a capital da Paraíba, João Pessoa, onde pude conhecer o mar pela primeira vez. Foi algo maravilhoso! Um sentimento de paz e alegria; a cidade do Crato, no Ceará, onde realizei entrevistas com professores(as) que fazem parte da AINPGP - atividade, como bolsista, do projeto PIBIC -, momento de muito medo e também orgulho de realizar essas entrevistas; e também pude conhecer a cidade de Fortaleza, no Ceará. A cada evento, novos conhecimentos são adquiridos, tanto profissional, quanto pessoal, são realizações em nossa vida.

⁶ Este projeto de extensão era intitulado de: Pedagogia Social, Neurociência e Leitura: contribuições ao desenvolvimento humano de pessoas em contextos diversos. E tinha como foco, levar a leitura de diversas formas, a pessoas da comunidade em que vivia, a idosos, a familiares e nas escolas. Contribuindo para suas formações em diversos níveis, considera que as leituras feitas para aqueles(as) que não sabiam ler, era uma forma de ajuda-los, de conversar; já as leituras feitas para crianças, tem sido na comunidade ou na escola, vinha a agregar em seu conhecimento em diversos assuntos escolares e sociais, bem como ajudar no desenvolvimento de sua própria leitura e interpretação textual. Ou seja, o projeto tinha um fim educacional e social.

⁷ O Congresso Nacional de Educação – CONEDU, é um evento, promovido em prol de aproximar a universidade a educação básica, oportunizando a discussão entre profissionais da educação, com a produção de conhecimento, voltada as demandas formativas e avaliativas.

Dessa forma, ao chegar no final do curso, tive a experiência de escrever o projeto de TCC, e um misto de sentimentos surgiram: de insegurança e alegria; insegura por medo de não conseguir escrever um bom trabalho e insegurança para a apresentação; mas alegria por escrever o projeto do trabalho para concluir o meu curso, alegria de ter chegado a esse momento e alegria por estar conseguindo chegar ao final.

E o final chegou! Escrevi meu TCC! Ele me traz ainda mais experiências. A experiência de realizar entrevistas com minhas amigas, com quem eu convivi durante todo o curso; a experiência de me dedicar unicamente a uma pesquisa que por muito tempo foi aguardada. Eu aprendi muito no Curso de Pedagogia, com os(as) professores(as), com os(as) amigos(as) e colegas, a cada disciplina novas aprendizagens.

Então, no momento em que escrevo essas linhas penso que deveria ter feito muito mais, porém também considero que fiz tudo que era destinado a mim, nesta fase de minha vida. E conforme, trago no início deste relato, nas palavras de Joca e Santos (2020), vemos que de fato o conhecimento é um aprendizado constante, que parte da nossa leitura de mundo e da leitura da palavra; que a pesquisa é ação coletiva, aprendemos juntos uns com os outros, com as experiências de professores(as) e de colegas; e que tudo parte de uma dimensão histórica e social, ou seja, de quando e onde vivemos. Não existe um único caminho para se chegar ao conhecimento, ele se dá através de inimagináveis maneiras.

Dessa forma, considero que a universidade, o curso de Pedagogia, proporcionaram, de fato, muitas aprendizagens para minha vida profissional e pessoal, hoje considero que esta pesquisa e as demais desenvolvidas durante todo o curso tornaram esta discente, não só uma futura professora, mas sim, uma professora-pesquisadora.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este estudo teve como objetivo geral compreender o percurso dos(as) formandos(as) no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB, sobre a pesquisa na graduação. Desta forma, a questão norteadora do presente estudo é: Qual o percurso de formação para a pesquisa dos(as) graduandos(as) do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB?

Ademais, em prol de responder à questão estabelecida e em face com o objetivo geral deste trabalho, foi proposto os seguintes objetivos específicos: apresentar a proposta do curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB, destacando os espaços e as estratégias voltadas para a formação inicial dos/as graduandos/as para a pesquisa; listar e problematizar, a partir das experiências discentes, os espaços formativos do curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB que proporcionam (direta ou indiretamente) a apreensão de saberes sobre e para a formação inicial dos/as graduandos/as para a pesquisa; identificar, nas experiências formativas dos/as graduandos/as da pedagogia, diretamente relacionadas à pesquisa, os desafios, as dificuldades, os saberes, os obstáculos enfrentados na/para a formação inicial para a pesquisa no curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB.

Assim, em consonância aos objetivos propostos e a organização estrutural da pesquisa científica apresento a seguir os caminhos metodológicos adotados para o melhor desenvolvimento deste estudo.

3.1 ABORDAGEM DE PESQUISA

A pesquisa científica é um instrumento do pesquisador(a) utilizado para solucionar/amenizar uma problemática pessoal e/ou social, a fim de produzir e/ou se complementar os conhecimentos já produzidos (Fontelles, *et al* 2009). Dessa forma, faz-se necessário nos questionar, o que é metodologia? Conforme Demo (1985) é o aparato que comporta as formas de estrutura, os procedimentos e as ferramentas da pesquisa, ou seja, o caminho, o percurso em que a mesma irá percorrer, porém apesar da metodologia ser necessária para a construção do conhecimento, o importante é o fazer ciência, contanto que ambas

caminhem em conexão, pois “a ciência propõe-se a captar e manipular a realidade assim como ela é, e a metodologia desenvolve a preocupação em torno de como chegar a isto.[...]” (Demo, 1985, p. 20). Neste sentido, Minayo (1993, p. 23) apresenta uma breve reflexão sobre o ato de pesquisar, considerando a pesquisa como uma

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Assim, segundo Fontelles (*et al* 2009), este estudo se constitui como uma pesquisa de campo considerando que visa a coleta de dados em prol de responder problemáticas relacionadas a um grupo, comunidade e/ou instituição na perspectiva de compreender o que ocorre (ou ocorreu) naquela determinada realidade, com isso, se caracteriza como qualitativa, pois visa compreender a partir da participação dos discentes, sua compreensão e interpretação, a respeito da pesquisa. Para mais, segundo Oliveira (2014, p. 37):

entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico [...].

Desta forma, refere-se a uma pesquisa com finalidade básica ou fundamental, que segundo Fontelles (*et al*, 2009, p. 6) se destina a:

[...] adquirir conhecimentos novos que contribuam para o avanço da ciência, sem que haja uma aplicação prática prevista. Neste tipo de pesquisa, o investigador acumula conhecimentos e informações que podem, eventualmente, levar a resultados acadêmicos ou aplicados importantes

3.2 LÓCUS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, no estado da Paraíba, no Centro de Formação de Professores (CFP), na Unidade Acadêmica de Educação (UAE), com discentes do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

O estado da Paraíba fica localizado ao leste da Região Nordeste do Brasil, e tem como sua capital a cidade João Pessoa. Uma de suas expressões culturais é o artesanato, que se

modifica a cada local e suas respectivas matérias primas, entre esses trabalhos realizados está o bordado, o crochê, o macramê, a cerâmica, o couro, as rendas, entre outros trabalhos que são fabricados e apresentados em feiras e eventos, esta sua exposição e demonstração de cultura também é o meio de venda, considerando que para alguns estas vendas é a renda familiar. Podemos então citar o Mercado Artesanal Paraibano e a Feira de Artesanato de Tambaú, ambos localizados na capital.

Ademais, o estado tem diversos nomes presentes na contribuição literária brasileira, como o escritor Ariano Suassuna, o poeta Augusto dos Anjos e o escritor romancista José Lins do Rego, dentre outros. Bem como no meio musical, como Elba Ramalho, Flávio José, Genival Lacerda, Roberta Miranda, Zé Ramalho entre outros cantores e cantoras.

Assim, entre seus duzentos e vinte e três (223) municípios, temos a cidade intitulada de Cajazeiras, conhecida também como “A terra que ensinou a Paraíba a Ler”, e como uma das cidades deste estado, Cajazeiras também conta com sua tradição no artesanato, com foco na tapeçaria, rendas e vidros, contando com grupos que fazem essa produção para a exposição e vendas em feiras ou lojas. Nesta também temos como principais pontos históricos e turísticos da cidade o Teatro Íracles Pires, a Estátua do Cristo Redentor, a Biblioteca Pública Municipal Doutor Castro Pinto, a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, a Igreja de São João Bosco e o famoso pôr do sol na Praça do Leblon.

A Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, fica localizada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n – bairro Casas Populares. O campus, conta com um auditório central e alguns mini auditórios, a biblioteca, laboratórios, ginásio de esporte, residência universitária, Restaurante Universitário (RU), e também duas cantinas com duas respectivas vendas e um local destinado a xerox, no demais, vemos por todo o campus muitos animais, gatos e cachorros, pelos quais alguns estudantes e professores acabam desenvolvendo afeto e acima de tudo cuidado.

O campus, abrange os seguintes cursos: Bacharelado em Enfermagem, Bacharelado em Medicina, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física, Licenciatura em História, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Letras-Inglês, Licenciatura em Letras-Português, Licenciatura em Química, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Pedagogia. E se detendo ao curso de Pedagogia, o mesmo conta com 367 matriculados no semestre 2024.2.

Enfim, nestas poucas palavras busquei apresentar um pouco sobre o Estado da Paraíba e sua magnífica cultura artística, literária e artesanal, bem como a cidade de Cajazeiras e seus

pontos turísticos, e a Universidade que se faz presente nesta cidade, a qual recebe estudantes de toda a Paraíba e estados vizinhos, lhes ofertando um bom desenvolvimento educacional/profissional.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os critérios para a escolha dos sujeitos desta pesquisa foram: serem discentes do curso de pedagogia da UFCG/ Campus de Cajazeiras e estarem cursando o último semestre do curso, ou seja, que já cursaram as disciplinas de “Pesquisa em Educação I e II” e demais, estando cursando no semestre 2024.1 somente a disciplina de TCC, para em breve defender e concluir o curso. Estes critérios de escolha das discentes foi em prol de uma análise com ênfase nas suas experiências, relatando suas percepções e compreensão, dificuldades e possibilidades sobre sua formação para a pesquisa ao decorrer do curso.

O presente estudo buscou, também, garantir o sigilo das participantes, considerando que o intuito dessa pesquisa é a análise dos dados que por eles(as) serão relatados, e consoante a isto sabemos que “[...] a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos; Considerando que o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante [...]” (Brasil, Resolução nº 510, 2016, s/p.). Para mais, as discentes estavam cientes que sua privacidade seria estabelecida, estas também participaram de forma voluntária a contribuir com a pesquisa, bem como assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual estará disposto ao (Apêndice). Dessa maneira, foram entrevistadas quatro (4) discentes do curso de Pedagogia, todas do gênero feminino, e como um meio de procedimento ético receberam codinomes. Por uma identificação pessoal, optei por escolher nomes (ou parte do nome) de borboletas.

Para uma melhor compreensão do(s) leitor(es), cabe aqui destacar que entre tantas culturas ao redor do mundo, faço referência a cultura japonesa. No Japão as borboletas são associadas ao amor, a alegria, ou seja, a felicidade, e para além disto também representam a transitoriedade da vida, simbolizando e refletindo sobre a curta duração da vida, sobre a efemeridade e a beleza do ciclo de vida humano. Desta forma, os nomes escolhidos para as entrevistadas trazem um significado. Majoritariamente, a turma em que a entrevistadora e as

entrevistadas fazem parte, é de mulheres, e estas foram convidadas a participarem da pesquisa, por serem/terem um maior contato com a pesquisadora.

A primeira entrevistada tem vinte e dois anos, se declara como branca, casada e reside na cidade de São José de Piranhas/PB. Estudou os Anos Iniciais e o Ensino Fundamental I e II em escola pública, mas fez seu ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, campus Cajazeiras. A borboleta escolhida para ela, é de cor branco-amarelo, com manchas negras nas asas anteriores, e denominada cientificamente de *Parnassius Apollo*, e seu nome vem de um dos antigos, deus grego, o “deus da luz”. Com isso, o codinome da primeira entrevistada será Apolo, pelo fato dela ser uma luz, sempre ajudando e tirando as dúvidas de todos os(as) seus(as) amigos(as) quando necessário.

A segunda entrevistada tem vinte e um anos, declara-se branca, solteira, da cidade de Catolé do Rocha/PB. Estudou até o segundo ano do Ensino Fundamental em escola particular e finalizou o Ensino Fundamental I, II e o Ensino Médio em escolas públicas. Para esta, a borboleta é pertencente a fauna brasileira e está ameaçada de extinção, sua coloração é de asas pretas com detalhes rosas, seu nome científico é *Parides Burchellanus*, mais conhecida como Ribeirinha. Desta forma, por esta pessoa sempre estar buscando e defendendo a importância política do nosso país, seu codinome será Ribeirinha, considerando o quanto se faz importante e necessário lutar pelas políticas públicas e pela fauna e flora do país e planeta.

A terceira entrevistada tem vinte e quatro anos de idade, declara-se branca, solteira, e reside na cidade de Sousa/PB. Ela, fez o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio em escolas públicas. A borboleta é considerada rara, pelo fato de ter uma produção de pigmentos azuis, algo considerado extremamente raro na natureza, seu nome científico é *Morpho Azul*. A essa maneira, o codinome da entrevistada será Azul, e este o foi designado pelo fato da mesma demonstrar suavidade e gentileza para com os(as) seus(as) amigos(as).

Já a quarta e última entrevistada, tem vinte e três anos, declara-se como parda, solteira, e reside na cidade de Cajazeiras/PB. Ela, estudou até o quarto ano do Ensino Fundamental I em escola particular e posteriormente finalizou seus estudos em instituições públicas. Para ela, a borboleta se destaca por ter suas asas transparentes e por ser uma das mais resistentes, seu nome científico é *Sylphina Angel*. A essa entrevistada dei o nome de Angel, pelo fato de sua pessoa estar sempre lutando e resistindo com força e determinação a tudo que lhe é posto na vida, e que apesar de passar por momentos difíceis, está sempre buscando ajudar, apoiar e alegrar a vida das pessoas que a rodeiam.

3.4 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

A entrevista é uma técnica utilizada para coletar informações e interagir diretamente com o sujeito. A entrevista é mais utilizada nas áreas de ciências humanas, compreendendo que o(a) pesquisador(a) a utiliza para apreender e compreender o que os sujeitos pensam, sabem e argumentam sobre o conteúdo a ser pesquisado (Severino, 2008). Na entrevista semiestruturada, “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro – Apêndice) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”. (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 72), proporcionando também ao/à entrevistado(a) a possibilidade de tecer suas considerações que surgirem durante a entrevista.

As entrevistas ocorreram de forma remota, atreves do aplicativo do Google Meet, considerando que todas estavam em processo de construção de seus TCCs e por morarem em cidades diferentes, realizando assim, no melhor horário e momento para as entrevistadas.

As entrevistas ocorrem em dias diferentes, no dia 11 e no dia 15, considerando que foram feitas em dois dias, e em cada um deles foram realizadas duas entrevistas. Algumas das entrevistadas inicialmente, aparentavam e também chegaram a falar que estavam um pouco nervosas, mas antes de dar início às perguntas realizei uma conversa para que estas pudessem relaxar. Todas estudamos juntas! Somos amigas! Estamos sempre conversando, estudando e realizando trabalhos. O fato de sermos próximas, ao meu ver, deixou a entrevista mais leve. Rimos tanto antes, quanto após o termino das perguntas. Realizar uma pesquisa, com a participação das minhas amigas, foi algo diferente, mas trazia um sentimento de alegria e superação. E esta superação é no sentido de tantas dificuldades que passamos no decorrer de todo o curso, mas conseguimos chegar ao final, com riquíssimos conhecimentos aprendidos nesse processo. Todas as entrevistas foram significativas para o enriquecimento deste trabalho.

4 BREVES PERCEPÇÕES: CONHECIMENTO, PESQUISA E UNIVERSIDADE

No presente capítulo faço uma abordagem sobre conhecimento, pesquisa, a Universidade e o curso de Pedagogia, bem como uma breve apresentação de propostas contidas no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia – PPC, destacando as disciplinas e suas estratégias voltadas para a formação inicial dos/as graduandos/as para a pesquisa.

A princípio, destaco aqui duas afirmações. A primeira, de Severino (2008, p. 31), quando afirma que

A Universidade não é Instituto de Pesquisa, no sentido escrito, mas nem por isso pode desenvolver ensino sem adotar uma exigente postura investigativa na execução do processo ensino/aprendizagem; também não é Instituição de Assistência Social, mas nem por isso pode desenvolver suas atividades de ensino e pesquisa sem se voltar de maneira intencional para a sociedade que a envolve. A única exigência é que tudo isso seja feito a partir de um sistemático processo de construção de conhecimento.

A segunda, de que Pedagogia é uma “[...] ciência da e para a educação, portanto é a teoria e a prática da educação [...]” (Libâneo, 2001, p. 6). Dessa forma, as duas afirmativas, citadas anteriormente, complementam-se, pois a universidade abrange, o ensino, a pesquisa e a extensão, algo que é/deve ser adotado no Curso de Pedagogia, uma vez que teoria e prática são indissociáveis, e exige do educador um olhar atento, ou seja, investigativo.

4.1 COMPREENSÃO: CONHECIMENTO E PESQUISA

A discussão sobre a formação para a pesquisa exige que discutamos acerca de conceitos essenciais a esse tema, como: ciência, conhecimento e conhecimento científico. Mas, o que é ciência? De acordo com Demo (1985, p. 29) “Não se pode, pois, emitir um conceito tranquilo de ciência, como se fosse possível partir de algo evidente e inquestionável e chegar a algo também evidente e inquestionável. [...]”; e, posteriormente, conforme Gil (2008), por meio de suas capacidades o ser humano vem conhecendo o mundo que o rodeia no decorrer de todos os séculos, dessa maneira a ciência é fenômeno histórico, um processo, ou seja, a ciência é um conhecimento. E o que é conhecimento?, é o momento (estado) que o ser humano se encontra em contato cognitivo com a realidade, isto é, uma relação entre o sujeito consciente e a realidade, em que o mesmo pode ou não estar ligado diretamente (Zagzebski, 2008).

Temos o conhecimento científico, que busca a verificabilidade dos fatos, ou seja, faz-se necessário para além da aplicação mental, a técnica, determinando um método que possibilite/possibilitou tal conhecimento (Gil, 2008). Compreendendo ainda, que conforme Severino (2008) o conhecimento é uma mediação, é uma relação existente entre a história e a

sociedade, considerando que o conhecimento é a melhor e mais importante ferramenta que o sujeito tem para melhorar cada vez mais a sua vida/existência.

O conhecimento é um elemento fundamental, ou seja, é indispensável e indissociável na construção e no desenvolvimento na história e no destino da humanidade. Com isso, compreende-se o quanto se faz de total significância na educação, considerando que a partir desta os sujeitos presentes na sociedade se desenvolvem intelectualmente, em prol de ressignificar conhecimentos já existentes, aprimorado e readaptando para o modelo de sociedade vigente (Severino, 2008).

Assim, após essa breve contextualização sobre o que é ciência, conhecimento e conhecimento científico, parto para a iniciação científica, que corresponde à prática de inserir os discentes no mundo da pesquisa. Mas, o que é pesquisa? Conforme Demo (1985, p. 22-23) pesquisa é a atividade básica da ciência, e apesar da “[...] ideia de que ciência se concentra na atividade de transmitir conhecimento (docência) e de absorvê-la (discência). Na verdade, tal atividade é subsequente, antes existe o fenômeno fundamental da geração do conhecimento.”, ou seja, ciência, conhecimento e pesquisa são algo que se entrelaçam, e que na educação universitária “[...] a pesquisa é co-extensiva todo o tecido da instituição universitária: ela aí se desenvolve capilarmente [...]” (Severino, 2008, p. 28).

É necessário compreender que a pesquisa é a principal atividade científica que proporciona ao ser humano fazer novas descobertas partindo de uma realidade local, regional e/ou mundial, e considerando isto, acredita-se que sempre existe/existirá o que descobrir na sociedade. A aceitação da pesquisa pela sociedade é um processo que não prevê fim, mas uma causa paulatinamente processual. E ao corroborar com o autor supramencionado, Severino (2008), segundo Gil (2002, p. 17):

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

À vista disso, o desenvolvimento de uma pesquisa faz-se mediante conhecimentos disponíveis e a elaboração cuidadosa dos métodos-técnicos e procedimentais, em face do seu longo processo, desde a pergunta norteadora, problema a ser pesquisado, até a coleta e apresentação dos resultados. Um processo que exige a coerência entre o problema e os dados

obtidos e analisados sob a perspectiva da ciência. Esses procedimentos se aprende na Universidade, instituição responsável pela produção do conhecimento científico.

4.2 A UNIVERSIDADE

Às Universidades são feitas cada vez mais exigências sociais, todas em busca de desenvolver aquele(a)s que futuramente atuaram na sociedade. É um compromisso da educação, e em particular da universidade a questão de formar profissionalmente e eticamente, para viver em sociedade, considerando as exigências políticas em prol da democracia (Severino, 2008).

E nesta perspectiva, conforme Severino (2008) nas universidades, em escolas de ensino superior, existe um certo despreparo que se é necessário para o desenvolvimento da prática de pesquisa, destinando-se apenas a uma prática recorrente do repasse de informações e técnicas pré-elaboradas, ou seja, estas instituições se detém a uma forma inadequada de se trabalhar com o conhecimento, tratando este como um produto, ao invés de compreendê-lo como pertencente ao processo.

Contudo, cabe ressaltar que não se trata de transformar as Universidades em Institutos de Pesquisa, mas sim, colocar em pauta que neste ambiente de ensino suas atividades devem-se basear em atitudes investigativas, voltando-se para conscientização e produção do conhecimento. E para que a universidade venha a contemplar tantas exigências/perspectivas, a mesma adota o ensino, a pesquisa e a extensão, atividades estas que devem ser articuladas, e consideradas como o tripé desta instituição.

Neste sentido, Gadotti (2017) discursa que a extensão é uma das finalidades da universidade e que pode ser considerada como um instrumento de mudança na sociedade, considerando esta como um meio de aprender e ensinar, promovendo uma conscientização, a qual Freire (1977, p. 36) afirma que [...] o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações [...]. Ou seja, a extensão universitária é um meio de ampliar os conhecimentos dos(as) discentes, juntamente com o conhecimento da população, construindo um conhecimento a partir da realidade da sociedade e dialogando com o conhecimento teórico, estabelecendo uma linha de investigação, reflexão e criticidade, compreendendo a partir disso que o [...] ensinar [...] é participar do processo de pesquisa. Só o homem voltado para a pesquisa pode realmente

ensinar; do contrário, ele reduz seu trabalho a transmitir um pensamento inerte, mesmo sendo pedagogicamente ordenado. (Fávero, 1975, p. 20 *apud* Luckesi *et al*, 1984, p. 33)

Assim, compreende-se que o ensino, a pesquisa e a extensão sempre estarão interligadas, sendo indissociáveis. Com isso, de maneira geral, a educação universitária é um processo mediado pelo conhecimento, pois neste âmbito “[...] se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza [...]” (Severino, 2008, p. 23). Mas, apesar desse conhecimento, no Brasil, muito ainda se privilegia o ensino, ou seja, a universidade como lugar de ensino, como um meio de transmissão de conteúdos que foram acumulados no decorrer da história.

Todavia, não se pode deixar de compreender a universidade como um meio de relacionar o seu tripé, priorizando sim, a produção de conhecimento, pois “a pesquisa faz parte da essência da universidade e, portanto, de todos os níveis de formação e de todos os sujeitos que aí ingressam” (Barzotto, 2021, p.43), é por meio do ato de pesquisar, das pesquisas construídas que se aprende, se ensina, e corrobora com o desenvolvimento da sociedade (Severino, 2008).

4.3 O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL

No Brasil, o Curso de Pedagogia, a princípio foi definido como um estudo da forma de ensinar, regulamentado inicialmente por meio do Decreto-Lei n. 1.190/1939, definindo este como uma formação para técnicos em educação. No ano de 1939, o curso ofertava o título de bacharel, aos discentes que cursassem durante três anos as disciplinas voltadas para fundamentos e teorias educacionais, e para receber o título de licenciado era necessário cursar mais um ano, com as disciplinas voltadas para a didática e a prática de ensino, abordando-os separadamente. Todavia, tendo sua história construída a cada dia, a partir do ano de 1990, o curso de pedagogia foi se constituindo como fundamental para a formação de professores(as) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental (Brito, 2006). O curso de pedagogia destina-se a:

[...] formação de profissionais interessados em estudos do campo teórico-investigativo da educação e no exercício técnico-profissional, como pedagogos no sistema de ensino, nas escolas e em outras instituições educacionais, inclusive as não-escolares (Libâneo, 2001, p. 14).

Silva e Dias (2023, p. 991) discorrem que:

A história da Pedagogia é a narrativa do desenvolvimento das teorias, práticas e métodos de ensino ao longo do tempo. Ela abrange a evolução da educação

e da instrução, desde as sociedades antigas até os sistemas educacionais modernos. Historicamente, o curso de Pedagogia tem sido o único ambiente de graduação onde se analisa de maneira intencional e crítica a prática social da educação em suas diversas formas na sociedade.

Compreende-se a pedagogia como um campo de estudo que tem como propósito a sistematização da educação, do ato e da prática educativa, visto que não existe sociedade sem práticas educativas, detendo-se a reflexão sobre este fenômeno e as práticas adotadas. Em outras palavras, ela não se destina unicamente as práticas educativas, mas também a outros conjuntos, considerando que educação ocorre em diversos lugares, como na família, na rua, no trabalho, nos meios de comunicação, na política, na escola e em demais locais que acontecem interação entre os sujeitos.

Contudo, conforme Libâneo (2001, p. 6) em um ideal de sensu comum, Pedagogia ainda é considerada como “ensino”, ou seja, que se volta ao ato de fazer, de metodologias, unicamente a prática de ensino. É certo dizer que a Pedagogia busca a formação escolar das crianças, através de meios e métodos de ensinar no decorrer do processo educativo, porém ela é mais que isso “[...] ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa [...]”, ela investiga teoricamente acontecimentos educativos, partindo sempre da realidade, relacionando a teoria e a prática, buscando respostas para a educação. Considera-se a educação como, “[...] uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena [...]” (Libâneo, 2001, p. 8), ou seja, a educação se dá através do meio que vive e das relações sociais.

O autor supramencionado ainda considera que esta formação, bem como demais formações de profissionais da área educacional deve-se voltar para questões vigentes em sociedade, entendo que o caráter pedagógico é o elemento diferencial, no processo educativo, visto que este se faz presente em diversas situações historicamente vivenciadas e socialmente concretas. Ou seja, o mesmo entende que o destino da pedagogia e seus(as) educadores(as) está diretamente interligado com a capacidade de refletir criticamente a respeito da realidade educacional e social.

Neste sentido, sobre a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, Soares e Severino (2018) asseveram que a universidade aborda como meio de interagir diretamente com a sociedade, comunidades ao seu redor, ou pertencentes as cidades de seus/suas discentes, os projetos de extensão. Os projetos de extensão são considerados como projetos interdisciplinares, com possibilidades didáticas, que visam a comunicação e a interação, ou seja,

uma troca de conhecimentos, pois segundo Gadotti (2017), existe uma relação entre extensão universitária e a sociedade, entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular.

Conforme Bridi (2015, p. 13) “A iniciação científica (IC), como o próprio nome sugere, refere-se a uma atividade que inicia o aluno de graduação na produção de conhecimento científico [...]”, portanto, se correlaciona a extensão universitária, visto que nessa se aprende e se ensina, bem como se reflete criticamente sobre esta prática, possibilitando aos(as) discentes a oportunidade de relacionar a realidade com a teoria, produzindo pesquisas.

Assim, conforme Barzotto (2021, p. 35), “[...] Não se trata de ter acesso a pesquisa de outros, mas de ser incluídos nos meandros da produção do conhecimento”, ou seja, é conscientizar os(as) discentes graduados(as) do curso de Pedagogia, que os documentos educacionais, como BNCC – Base Nacional Comum Curricular, PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros, devem ser compreendidos como objetos de pesquisa, pois somente estes, não são o suficiente para se pensar a realidade da sala de aula. Mas, para isto, é indiscutível que todos(as) os(as) discentes tenham acesso à pesquisa, que tenham a possibilidade desde o início do curso, de compreender a pesquisa e que tenham a oportunidade de participar ativamente de pesquisas, considerando que “se nós incluirmos todos os alunos de graduação na pesquisa, nós garantimos a todos, esse direito de ser um professor melhor [...]” (Barzotto, 2021, p. 39), e em decorrência disso, estes(as) através de sua aprendizagem enquanto pesquisadores(as) terão uma visão crítica e reflexiva em sala de aula.

4.3.1 CURSO DE PEDAGOGIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - CAMPUS CAJAZEIRAS/PB

Conforme posto no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia – PPC, este curso teve seu início na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no Centro de Formação de Professores, na Unidade Acadêmica de Educação - UAE, no presente campus da cidade de Cajazeiras/PB, através da Resolução nº 294/79 do Conselho Universitário da então Universidade Federal da Paraíba – UFPB, iniciando o seu funcionamento no dia 17 de março no ano de 1980. No ano de 1984, o curso tornou-se regulamentado através da Resolução nº 01/84 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPB. O(a) Pedagogo(a) formado(a) nesta instituição, poderá vir atuar na Educação Infantil - EI, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - EF, na Educação de Jovens e Adultos - EJA, na Gestão Escolar, no planejamento, na coordenação, acompanhamento e avaliação de atividades educacionais, na elaboração e implementação de projetos educacionais de caráter interdisciplinar.

Para mais, é apresentado no PPC, que o curso tem como função a formação inicial de professores e professoras para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo como base o entendimento que esta formação é um processo, ou seja, que é durante toda a vida docente, compreendendo que o ensino e a aprendizagem ocorrem em todos os momentos, seja dentro ou fora da sala de aula. E tem como objetivos:

Formar o professor capaz de atuar na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos e na Gestão de Processos Educativos.

Proporcionar ao graduando em Pedagogia uma formação que possibilite dominar conteúdos científicos, pedagógicos e técnicos, que se traduzam em compromisso ético e político vinculado aos interesses da coletividade; Propiciar uma formação que favoreça ao egresso do curso de Pedagogia do CFP a compreensão crítico-reflexiva daquilo que ensina de modo a atuar de forma propositiva na perspectiva de contribuir com o crescimento intelectual da população. Despertar, nos graduandos, um espírito investigativo relativo a problemas socioculturais e educacionais de modo que possam desenvolver experiências docentes em processos de ensinar e aprender, favorecendo a organização do trabalho educativo; Possibilitar uma formação que prepare o professor para trabalhar de maneira coletiva e interdisciplinar nos espaços escolares e não-escolares. (PPC, 2009, p. 11-12).

Contudo, não é mencionado em seus objetivos de forma direta a “pesquisa”, mas sim, ao desenvolvimento do espírito investigativo, dos(as) discentes, e a corroborar com isto, Pimenta (2010, p. 17) ressalta que na formação de professores(as) é imprescindível que em seu currículo se considere a pesquisa, tendo esta como um meio de melhor desenvolver o cognitivo e a promoção da investigação dos(as) discentes, uma vez que “a construção do conhecimento se dá através da prática da pesquisa. Ensinar e aprender só ocorrem significativamente quando decorrem de uma postura investigativa de trabalho”, ou seja, é estabelecer uma relação entre teoria e prática, docência e investigação, e tendo isto como base também é posto no perfil do curso está relação indissociável entre teoria e prática, com reflexão e discussão, em prol de estabelecer e favorecer o conhecimento científico e escolar.

Dessa forma, Pires (2015) salienta que a iniciação científica, reafirma a importância do estímulo à pesquisa, pois esta deve começar cedo e ser permanente, mas para isto é necessário a formação do(a) professor(a) pesquisador(a), ou seja, uma formação de ensino, pesquisa e extensão, uma formação que estimule nos(as) discentes o desejo de pesquisar. Para além de projetos de pesquisas, trabalhos em sala de aula, ou programas como PIBIC, PIBID e demais, também se tem a extensão universitária, que é um meio do(a) discente interagir diretamente com a sociedade, é um meio que a partir da prática, o(a) discente venha a refletir criticamente,

desenvolvendo pesquisas científicas, que corroborem com o desenvolvimento de futuras práticas sociais.

Assim, em relação à pesquisa no curso, algumas discentes entrevistadas discorreram durante a entrevista, que o incentivo de alguns professores(as) é algo notável durante os seus respectivos processos de formação, em especial a pesquisa científica, considerando que apesar de não serem todos o(a)s docentes, alguns apoiam e estimulam, para que se desenvolvam na perspectiva da formação para a pesquisa, tão importante na formação de um(a) docente. A transição de realidade feita por aluno vindo do ensino médio (principalmente de escolas públicas), é considerado como desafiador, pois é uma nova realidade de rotina, exigências e muitos saberes, e em uma sala de aula no ensino superior, muitos e muitas discentes tomam docentes como referências acadêmicas e profissional, algo que ressalta o quanto a relação professor e aluno é valiosa na construção do processo de ensino-aprendizagem (Santos; Ribeiro, 2023).

Ademais, entre tantas disciplinas que se é posta no currículo deste curso, neste centro acadêmico, as mesmas são dispostas por suas características, dispondo de dois momentos: o primeiro relacionado as disciplinas, e o segundo ao TCC; posto isso, trago a seguir características que explicam a abordagem dos períodos iniciais, e logo em seguida características para o desenvolvimento do TCC.

Os períodos letivos iniciais compõem-se dos conteúdos básicos, objetivando proporcionar formação geral por meio dos fundamentos teórico-metodológicos. Tais fundamentos permitem ao aluno relacionar os conhecimentos científicos e a realidade educacional e preparar-se para o desempenho de atividades acadêmicas e profissionais[...]

O Trabalho de Conclusão de Curso será iniciado nos componentes: Pesquisa em Educação I e II; finalizado e apresentado no último período, tanto para o curso diurno, como para o noturno. Esta atividade terá como pré-requisito todos os componentes curriculares distribuídos nos períodos anteriores [...] (PPC, 2009, p. 19)

Com isso, é posto no primeiro período, a disciplina de “Metodologia Científica”, que visa discutir “Tipos e modalidades de conhecimento; Caracterização do conhecimento científico; Métodos e regras da ciência; Organização, estruturação e normalização do trabalho científico.” (PPC, 2009, p. 30), tendo como objetivos:

- possibilitar aos alunos conhecimento acerca dos diversos tipos de conhecimentos e dos elementos que caracterizam o conhecimento científico;
- reconhecer métodos e as regras do fazer científico;

- favorecer aprendizagens sobre a elaboração de trabalhos acadêmicos e seus modos de apresentação: fichamento, resumo, síntese e resenha, entre outros. (PPC, 2009, p. 30)

Ainda neste mesmo período, tem-se a disciplina de “Leitura e Produção Textual” que traz em sua ementa a “Leitura, análise e produção textual, privilegiando o desenvolvimento das competências lingüísticas necessárias à produção acadêmica; ênfase no uso adequado da Língua Portuguesa [...]” (PPC, 2009, p. 29), apresentando como objetivo a promoção, o desenvolvimento e o favorecimento no desenvolvimento na capacidade de leituras de textos teóricos, habilidades na escrita e sistematização do conhecimento e por fim na aquisição do senso crítico e analítico.

Já no sétimo período, se tem a disciplina “Pesquisa em Educação I” que se propõe à construção de fundamentos epistemológicos da pesquisa. Educação e pesquisa. Tipos e abordagens de pesquisa. Construção do objeto e elaboração do projeto de pesquisa. Instrumentos de coleta, processamento e análise de dados. Relação: pesquisa, ensino e extensão. (PPC, 2009, p. 60). Seus objetivos apresentam: “possibilitar aos alunos conhecimentos relacionados à pesquisa em educação que propiciem a compreensão dos problemas da educação brasileira;” bem como “apresentar e discutir os elementos constitutivos de um projeto de pesquisa” e por fim “analisar a relação entre ensino, pesquisa e extensão na produção do conhecimento” (PPC, 2009, p. 60)

E posteriormente, no oitavo período tem-se sua continuação com “Pesquisa em Educação II”, tendo como proposta a “revisão do projeto de pesquisa; realização da pesquisa de campo; tabulação dos dados; análise das informações coletadas.”, com o objetivo de “acompanhar a realização da pesquisa de campo; - orientar a tabulação e análise dos dados” (PPC, 2009, p. 63).

Por último, a disciplina de TCC, que visa a “sistematização final dos resultados da pesquisa. Conclusão e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)” tendo como objetivos “proporcionar a elaboração do TCC” e “apresentar os resultados do trabalho de conclusão de curso” (PPC, 2009, p. 72-73).

As disciplinas citadas anteriormente são aquelas diretamente ligadas em seus objetivos e ementa, à leitura, à escrita, ao desenvolvimento de textos acadêmicos e de pesquisa científica. Contudo, apesar do curso apresentar duas disciplinas introdutórias no início, que venham contemplar a escrita, leitura de textos acadêmicos e estruturação acerca de elementos que caracterizam o conhecimento científico, segundo duas das discentes entrevistadas ainda é notável que inicialmente [...] foi muito difícil ler, sintetizar o que eu li [...] (Azul), e mesmo

com o passar de todo o curso, ainda existe dificuldades como: [...] o que eu mais tenho dificuldade é na escrita, [...] eu tenho dificuldade na leitura, na interpretação [...] (Angel).

Assim, apesar do curso ter em seu currículo a oferta de disciplinas especificamente voltadas para estas áreas, a partir das falas das entrevistadas e destacando uma delas, vê-se o quanto é preciso enfatizar e colaborar cada vez mais com o conhecimento dos discentes desde o início do curso, buscando adaptar ou adotar uma nova disciplina que tivesse como objetivo “[...] a escrita científica, a pesquisa, leitura científica também que é bem difícil. Enfim, tudo isso [...]” (Azul), ou seja, a corroborar cada vez mais com o desenvolvimento do conhecimento dos(as) discentes, que chegam ao curso com uma lacuna, e que por vezes permanecem até a conclusão do curso.

5 PESQUISA NA GRADUAÇÃO: FORMAÇÃO INICIAL DO(A) PROFESSOR(A) PESQUISADOR(A)

Conforme Severino (2008, p. 25), no curso superior, o processo de ensino e aprendizagem pode ser considerado como diferente, visto que o conhecimento não se dará unicamente por produtos já existentes, mas também mediante os seus processos, correlacionando-os em prol de novas construções, evidenciando que “[...] na Universidade, o conhecimento deve ser construído pela experiência ativa do estudante [...]”, compreendendo que:

[...] a atividade de ensinar e aprender está intimamente vinculada a esse processo de construção de conhecimento, pois ele é a implicação de uma equação de acordo com a qual educar (ensinar e aprender) significa conhecer; e conhecer, por sua vez, significa construir o objeto, mas construir o objeto significa pesquisar.

A corroborar com o autor supracitado, vemos que a construção da identidade docente vai se construindo e reconstruindo durante toda sua trajetória, sobre a qual, Xavier discorre (2014, p. 832), que partimos de dois eixos, “[...] 1) eixo sincrônico, ligado a um contexto de ação e a uma definição de situação, em um espaço culturalmente marcado, e 2) eixo diacrônico, ligado a uma trajetória subjetiva e a uma interpretação da história pessoal, socialmente construída [...]”, por meio da articulação destes, os sujeitos subsidiam sua trajetória.

Além de compreender, que “[...] a função específica de ensinar já não é hoje definível pela simples passagem do saber, não por razões ideológicas ou apenas por opções pedagógicas, mas por razões sócio históricas [...]” (Roldão, 2007, p. 95). Uma vez que, o processo profissionalizante do docente é “[...] repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos [...]” (Nóvoa, 1995, p. 21 *apud* Roldão, 2007, p. 96).

Com isso, vemos a questão da importância da construção da identidade docente e a função do ensinar, algo que esta intrinsecamente ligado a formação de professores(as) na universidade, se construindo a partir do ensino, da pesquisa e da extensão, dessa forma Severino (2008, p. 26) salienta que:

[...] na Universidade, a pesquisa assume uma tríplice dimensão [...] uma dimensão epistemológica: a perspectiva do conhecimento. Só se conhece construindo o saber, ou seja, praticando a significação dos objetos [...] assume ainda uma dimensão pedagógica: a perspectiva decorrente de sua relação com

a aprendizagem [...] ela tem ainda uma dimensão social: a perspectiva da extensão [...]

Ou seja, este é o tripé da universidade devem ser refletidos, compreendidos e relacionados, o curso deve sempre buscar trabalhar e oportunizar aos seus discentes o ensino, a pesquisa e a extensão. O ensino, é mais voltado para o trabalho desenvolvido em sala de aula; a extensão, que são todos os trabalhos que são diretamente desenvolvidos com a sociedade, algo que vai para além dos muros da universidade, geralmente são criados projetos que buscam intervir educacionalmente em espaços escolares e não-escolares; e e pôr fim a pesquisa, para além de também ocorrer em trabalhos desenvolvidos em sala de aula, também se tem projetos relacionados diretamente a iniciação científica, como exemplo o PIBIC - Programa Institucional de Iniciação Científica Desenvolvimento Tecnológico e Inovação. E em relação a pesquisa, de acordo com Neto e Rocha (2003, p. 25): [...] a experiência da iniciação científica produz efeitos marcantes na formação dos estudantes envolvidos. Aqueles que despertam para a vocação científica encontram abertas as portas da Pós-Graduação e trilham esta caminhada com competência e certa tranquilidade [...].

E de maneira sutil, discreta, aos poucos as literaturas vem apresentando, discutindo e pontuando o quanto a iniciação científica, o ato de pesquisar, e de aproximar os(as) discentes de graduação é significativa para sua formação inicial. Não somente por realizarem pesquisas em sala de aula, mas por meio destas conseguirem desenvolverem artigos e resumos expandidos que lhe possibilitem participar de eventos com publicações, apresentando seus trabalhos em seminários ou congressos, expondo seu conhecimento e reflexão. A oportunidade de participarem de programas como bolsistas de projetos de pesquisa, como experiência de iniciação científica, citando como exemplo o PIBIC, o qual segundo a Resolução Normativa nº 006, de 1996, esse programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, tem como objetivos:

- 1 -Contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa.
- 2 -Contribuir de forma decisiva para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores.
- 3 -Contribuir para que, na pró-xima década, diminuam as disparidades regionais na distri-buição da competência científi-ca do País.
- 4 -Possibilitar maior interaçãoentre graduação e pós-graduação.
- 5 -Qualificar os melhores alunospara os programas de pós-gra-duação.
- 6 -Incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação.

E em relação aos bolsistas participantes, o PIBIC pretende:

- a) despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação, mediante suas participações em projetos de pesquisa, introduzindo o jovem universitário no domínio do método científico;
- b) proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos científicos, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa;
- c) possibilitar a diminuição do tempo de permanência do bolsista na pós-graduação;
- d) despertar no bolsista uma nova mentalidade em relação à pesquisa e prepará-lo para a pós-graduação (Bridi; Pereira, 2004, p. 80).

Dessa forma, conforme pontuam Bridi e Pereira (2004), a iniciação científica, que é desenvolvida por meio do Programa PIBIC, e demais programas acadêmicos. Um meio de propiciar aos discentes um novo olhar, um aprofundamento em determinado conhecimento/área, contribuindo também para sua formação pessoal e profissional, considerando que o(a) mesmo(a) pode vir a desenvolver cada vez mais a sua vida acadêmica e estabelecer um vínculo com pesquisa e docentes pesquisadores(as). Entretanto, apesar de muitos discentes e docentes considerarem os programas de iniciação científica benéficos a formação inicial dos(as) graduandos(as), muitos ainda não tem essa oportunidade, pois existe uma seleção, considerando que o número de bolsas é limitado, fazendo-se desta uma prática seletiva, que vem a beneficiar uma pequena quantidade. Barzotto (2021) afirma que estes programas fazem uma seleção daqueles(as) discentes que participaram, estes não contemplam o número de graduandos(as), portanto a universidade não universaliza o direito a pesquisa.

Assim, a formação de professores(as) pesquisadores(as) na graduação ainda é um objeto de discussão no meio acadêmico. É necessária a compreensão de sua importância para a formação de professor(a)s, pois é indispensável ao ato da reflexão, entendendo que esta é fundamental para o seu empenho profissional, isto é, que este sujeito passe a pensar criticamente a respeito de sua realidade e acontecimentos do mundo como um todo, instigando-o(a) a problematizar, a pesquisar sobre estas inquietações (Ludke, 2001).

Fernandes (2021) nos lembra que a construção do se fazer pesquisador(a) é um processo, isto é, um trabalho que requer desejo, preparação, curiosidade e dúvidas, e é um trabalho contínuo. Nesse sentido, a pesquisa na graduação, o fazer-se pesquisador(a) na graduação deve estar presente desde o começo da formação acadêmica, desde a iniciação no ensino superior. O(A) pesquisador(a) precisa incitar seus saberes, necessita buscar novos conhecimentos para responder as suas inquietações, proporcionando a abertura de novos caminhos, pois, “[...] pesquisar é um ato de criação, pautado pela curiosidade e incerteza, que requer técnicas, artesanias e artistagens.” (Fernandes, 2021, p. 41). A pesquisa acadêmica é aquela

proporcionada pelos docentes durante o curso e percurso das disciplinas, bem como por projetos de extensão e programas de iniciação científica (IC). A pesquisa de professore(a)s da educação básica deve se dá, justamente, a partir de sua formação inicial e contínua.

5.1 RELATOS DE GRADUANDAS DA PEDAGOGIA (CFP/UFMG) SOBRE A FORMAÇÃO PARA A PESQUISA

Inicialmente, cabe frisar que conforme Severino (2008), a universidade tem como base: o ensino, a pesquisa e a extensão. Então, durante a graduação, estes três elementos são essências para a formação plena dos(as) discentes. Dessa forma, a iniciação científica é um instrumento de apoio teórico e metodológico, que visa auxiliar na formação dos(as) discentes, encorajando-os(as) a não ser simples repetidores educacionais, mas criadores do conhecimento. O processo de iniciação científica passa a ser fundamental na compreensão dos(as) discentes, a respeito da importância da pesquisa e suas metodologias. Ou seja, estes(as) virão a compreender que a atividade da pesquisa científica, na universidade, não deve ser algo eventual ou esporádica (Maia, 2008).

Neste sentido, foi questionado as entrevistadas sua compreensão a respeito de pesquisa científica, e para elas, é: “[...] você estudar um fenômeno [...]” (Apolo); “[...] um instrumento de investigação [...]” (Angel); e como “[...] tudo aquilo que abrange práticas durante a graduação [...]” (Ribeirinha).

Para estas discentes, sua compreensão a respeito de pesquisa científica foi através de aulas, quando os professores aos poucos explicavam sobre o assunto. Contudo, estas também enfatizam ter compreendido mais por meio de apresentações de pesquisas feitas pelos próprios professores, compartilhando sobre sua própria experiência; ou a partir de participação no PIBIC; ou então, somente a partir da disciplina de Pesquisa em Educação I. Uma das discentes relata que [...] “foi realmente ali que eu entendi a importância da pesquisa científica, onde eu entendi que eu poderia me sentir como uma pesquisadora, e não apenas ser uma professora, docente, mas também ser uma professora pesquisadora” (Angel).

Vale lembrar que no PPC do curso, em seu primeiro período é ofertada a disciplina de Metodologia Científica, que apresenta em seus objetivos: possibilitar aos discentes o conhecimento, a caracterização, métodos, e regras a respeito do fazer científico, bem como, aprendizagens para a elaboração de trabalhos acadêmicos. No entanto, as entrevistadas relatam que esta não foi uma disciplina em que puderam, de fato, compreender e aprender a respeito da

pesquisa científica, pois “[...] a gente paga metodologia científica, só que a gente não vê praticamente nada de pesquisa científica [...]” (Ribeirinha), e outra entrevistada relata que [...] “não foi uma disciplina que se aprofundou muito das questões práticas, sobre questão por exemplo, de estrutura, como é feito a pesquisa, dos elementos que envolve a pesquisa, foi mais uma questão teórica e de uma forma bem geral” (Apolo).

Ou seja, Metodologia Científica é mais que elaboração de projetos, artigos, ou quaisquer produções acadêmicas, é apresentar aos discentes uma forma/maneira dele(a) se comunicar cientificamente, com um pensamento estruturado, admissível e convincente. É apresentar regras que facilitem e estimulem a leitura, a análise, a interpretação e a criticidade; proporcionando-os(as) formular textos coerentes (Maia, 2008).

Ante ao exposto, muito(a)s graduandos(as) que ingressaram (ou estão ingressando) no curso de Pedagogia, estão passando por uma grande mudança de ambiente e saberes, e entre suas principais dificuldades, no que diz respeito ao conhecimento científico, destacam-se a leitura e escrita. Sobre as primeiras experiências com o texto científico, entre as quatro entrevistadas, apenas uma relatou que não sentiu tanto essa mudança, do ensino médio para a graduação, porque fez os últimos anos no IFPB – campus Cajazeiras. Porém, as demais que fizeram em escolas públicas, de seus municípios, falam que: “[...] é extremamente difícil, complexo, eh, é um processo de muito difícil, até você se acostumar e sem contar que nunca para [...]” (Azul); “Foi muito difícil, eu fazia a leitura, sublinhava né, com marca texto uma coisinha que eu achava que era muito importante [...]” (Angel). E ainda, complementam, dizendo que, durante todo o tempo que estiveram na graduação, não foi ofertado pelo curso: oficinas, mesas redondas, eventos ou palestras, em prol de auxiliar os(as) discentes na leitura e escrita de textos acadêmicos.

Assim, para superar um pouco essas dificuldades, faziam a leitura e releitura várias vezes do mesmo texto, sublinhavam as partes que achavam condizentes com as perguntas propostas pelos(as) professores(as) e observavam a forma que os autores escreviam. Mas, um dos meios que mais corroborava a superar essas dificuldades, era a correção, explicação e orientação de alguns(mas) professores(as), ou seja, a mediação docente aparece como elemento de grande relevância na formação destas discentes.

As graduandas expõem que o curso lhes preparou inicialmente para a pesquisa a partir de discussões sobre as temáticas nas aulas; orientação dos(as) docentes; produção de trabalhos; leitura de livros e artigos e identificação de estruturação de trabalhos. Todavia, uma delas relata que:

[...] ainda tem que caminhar passos largos pra ser ideal, porque mesmo com essas iniciativas e incentivos de alguns professores, não são todos, só alguns que querem de fato trabalhar isso e ainda é muito avulso. É um professor aqui e outro ali que trabalha isso, no geral acho que todos os professores deveriam enfatizar isso [...] (Azul)

O trabalho investigativo e a reflexão fazem parte do trabalho docente e da formação dos(as) discentes, o que torna a pesquisa como fundamental da prática. Conforme o parecer CNE/CP 009/2001, documento destinado as Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, em cursos de nível superior, pontua-se a associação teórico-prática e a pesquisa, como essências na formação profissional. Compreendo que a pesquisa desenvolvida visa, refletir sobre a educação e os processos de ensino e aprendizagem, ou seja, sobre o/os trabalho/s desenvolvido/s. Assim, Freire (1996, p. 29), discorre que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontraram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade [...]

Dessa forma, na educação de nível superior, espera-se que os(as) discentes possam expressar seus conhecimentos e ideias, tendo-os como parte do seu processo de aprendizagem, aprendendo a estrutura-los coerentemente, argumentando criticamente e associando os conhecimentos teóricos, as práticas desenvolvidas no cotidiano. Muitas das vezes, a pesquisa ainda é dissociada da realidade dos discentes e da educação.

Para as graduandas, a formação inicial para a pesquisa se dá através de estudos aprofundados; na busca de identificar textos científicos; de realizar leituras acadêmicas e produções textuais, ou seja, de modo geral, no exercício da leitura do texto científico, ao pesquisar e escrever textos científicos. Nesse percurso, o incentivo dos(as) docentes surge como um elemento importante na construção desse conhecimento e que apesar de serem apenas alguns professores(as), a sua orientação é fundamental. O papel do PIBIC é mencionado, mas ressaltam que possibilita poucas vagas em relação a quantidade de discentes no curso de pedagogia. E conforme Barzotto (2021), estes programas ainda são elitizados, poucos(as) discentes tem a oportunidade de participarem, o que torna a pesquisa como uma oportunidade não universalizada dentro da universidade.

Ademais, todas as graduandas entrevistadas relatam que tiveram a oportunidade de fazerem trabalhos de campo, pesquisa bibliográfica, produção de artigos científicos e projetos

de pesquisa. Destacam, também, a participação em eventos como: a Semana de Pedagogia, a Semana do Programa de Residência Pedagógica - RP e o Seminário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Para além disto, também participaram de programas institucionais. Uma das entrevistadas participou como bolsista do PIBIC e as demais participaram como bolsistas do PIBID.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, tem como objetivo criar um vínculo maior dos(as) discentes graduandos(as), com a sala de aula, de nível básico, de escolas públicas, estaduais e municipais estabelecendo uma relação entre a universidade e as escolas. A sua duração é de 18 meses, e durante esse tempo os(as) graduandos(as) desenvolvem e aplicam projetos/atividades metodológicas criativas, em prol de contribuir para a resolução dos problemas/dúvidas que mais se sobressaem nas turmas. Assim, adquirem, durante a participação nesse programa, habilidades e experiência em projetos, atividades, metodologias, capacidade de observação e de investigação na sala de aula (Melo; Lyra, 2020).

Conforme o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, o PIBIC é voltado para o desenvolvimento do pensamento científico, ou seja, para uma iniciação a pesquisa. Os projetos propostos, tem duração de 12 meses, os(as) graduandos(as), que participam, passam a desenvolver de forma direta uma relação com pesquisa, considerado que o(a) mesmo(a) estará trabalhando juntamente com um(a) professor(a), que o(a) orienta. Estes(as) discentes, desenvolvem uma discussão sobre a temática, com seu/sua orientador(a), com demais colegas da graduação e demais professores(as), algo que lhe permite uma imersão na prática da pesquisa (Melo; Lyra, 2020).

Ao serem questionadas sobre como se sentem em relação a pesquisa, Ribeirinha respondeu que: [...] atualmente eu considero que eu me sinto bem confortável em relação a pesquisa que eu já tive meio que o estranhamento [...]; para Apolo, [...] Eu gosto de pesquisar, porque eu sinto que eu aprendo muito mais com pessoas que já estão assim pesquisando né, em determinadas áreas ah mais tempo que eu. Então é aquela questão de compartilhar conhecimento [...]; Azul, [...] olha, se for uma coisa que eu me interesse muito, eu fico muito animada pra poder pesquisar. Porque me dá justamente essa inquietação, curiosidade de saber como é que acontece, ocorre e tudo mais [...]; e por fim, Angel disse:

[...] Rapaz, eu me sinto uma cientista, [...] quando eu tive o contato com disciplina de pesquisa I e o professor falou sobre a importância, sobre a possibilidade de nós sermos professores e professoras pesquisadores isso aí me despertou um sentimento que eu nunca havia pensado, eu nunca pensei

nisso, mas a partir de quando o professor falou dessa possibilidade e da importância, aí eu fui entender o meu lugar [...]

Mais uma vez, a figura docente aparece como elemento importante para a legitimação do lugar da pesquisa, ou do pertencimento a ele por parte das graduandas, na formação das discentes. Ainda sobre a relação da pesquisa com a realidade das graduandas, Ribeirinha afirma ser

[...] essencial você entender o que é a pesquisa científica e você entender que pode ser pesquisadora! Porque a gente tem muito a compreensão de que a pesquisa é algo distante, é algo longe da nossa realidade, e que dentro da docência ela não existe, a gente é pesquisador a partir do momento que a gente problematiza, investiga tais fatos, que a gente ler e produz artigos científicos na universidade.

Demonstram, também a relevância de entender o que é pesquisa e sobre a possibilidade de ser pesquisadora, desconstruindo a perspectiva construída culturalmente sobre quem pode ou não ser pesquisador(a) e como tornar-se pesquisadora.

Todas consideram-se estarem/fazerem parte desse processo de serem pesquisadoras, de “tornar-se pesquisadoras” (Joca; Santos, 2020) e afirmam que para isto é necessário: compreender o que é pesquisa científica, ser curiosa(o), ter inquietações e indagações sobre as realidades/dificuldades postas na realidade/cotidiano educacional. Ressaltam que o curso contribuiu para este entendimento e esta formação, pois este [...] é um curso que contribui bastante, para essa questão, da gente que se interessa pela área da pesquisa, da gente procurar, né, se informar sobre assuntos que estão em alta. Assuntos que são pertinentes pra área da educação [...] (Apolo).

Angel afirma que:

[...] por exemplo, o que eu aprendi nessa disciplina de pesquisa I, que pra gente a questão da prática [...] primeiro tem que saber a teoria, [...] isso aí já fez a gente se aproximar demais da pesquisa acadêmica, da pesquisa científica. Então, tanto das produções textuais das disciplinas quanto das leituras, que era uma coisa que os colegas reclamavam muito, porque queriam que os professores dessem metodologias, um manual de como ser um professor. E não é o que [...] os professores do curso de pedagogia fazem. É de entregar textos e passar textos de autores para determinadas áreas, para que a gente entenda através da leitura, da pesquisa e da curiosidade [...]

Ou seja, aqui, a graduanda deixa explícito seu entendimento sobre a relação entre teoria e prática e sobre a importância dessa para a pesquisa. Compreendo que pesquisa engloba todos

os trabalhos desenvolvidos durante as disciplinas, ressalta que muitos(as) discentes, assim como parte da sociedade, ainda veem o curso de pedagogia, ou demais cursos de formação de professores(as), exclusivamente/unicamente voltado para o ato de ensinar, para o ato de dar aulas. Enfim, as mesmas compreendem que não existe ensino sem pesquisa, sem um olhar crítico, reflexivo e investigativo. A graduanda demonstra, também, seu entendimento sobre a importância da pesquisa para a docência, ao reconhecer que já fez

tanta pesquisa legal! E eu não sabia. No meu processo da docência, se houver inquietações, eu posso tá ali não só olhando e dividindo minhas angústias com outros professores! Eu posso fazer pesquisa e responder essa minha curiosidade e inquietações. Então, como professora pesquisadora, eu me achei top! (Angel)

Faz-se, necessário destacar, que todas as entrevistadas acreditavam, antes de ingressarem no curso, que cursar pedagogia estaria relacionado especificamente a questões práticas, pensando assim, que: “[...] basicamente no curso [...] iria aprender a prática de dar aula, metodologias, práticas, essas coisas de sala de aula [...]” (Ribeirinha); “[...] eu achava que no curso eu iria aprender a ser professora de forma prática, assim, os professores iam lá e dizer, o que a gente deveria fazer quando chegasse na sala, na aula [...]” (Angel). Contudo, ainda destacam que após ingressarem na universidade, conheceram “[...] toda essa questão da teoria e da importância da relação entre a teoria e prática [...]” (Apolo), foi compreendida como necessária para suas formações.

Segundo relato de Ribeirinha,

[...] a gente tem muito a compreensão de que a pesquisa é algo distante, é algo longe da nossa realidade, e que dentro da docência ela não existe, a gente é pesquisador a partir do momento que a gente problematiza, investiga tais fatos, que a gente ler e produz artigos científicos na universidade [...]

Joca e Santos (2021), discorrem que este sentimento de não pertencimento a pesquisa, ao universo da pesquisa, é por esta ainda ser considerada uma atividade intelectual, muito elitizada, ou seja, distante da realidade dos(as) graduandos(as).

Apolo reconhece a formação para a pesquisa como um processo.

Eu estou nesse processo de fazer uma pesquisa. Agora assim. Eu acho que é mais a gente vai se sentindo, tendo mais facilidade em questão de tudo, de toda a metodologia, que desenvolve a pesquisa e tudo mais, conforme a gente vai fazendo, né, no caso. A gente tem esse contato inicial, né, tipo por meio de artigos e tudo mais, tem esse momento contato mais aprofundado por meio

do TCC, mas eu acho que quanto mais a gente busca né? Fazer isso né mais a gente sente como um pesquisador entende? Já me sinto como uma! Mas acredito que quanto mais procurar fazer pesquisa, que me aprofundar mais em temas e tudo mais, mas eu irei me sentir.

Entende que a formação se faz no fazer pesquisa e durante a graduação isso ocorreu, mas que carece de aprofundamentos. Surge, aqui, também, uma afirmativa de pertencimento, mesmo que reconhecendo que se trata de uma formação em processo. Destaca a importância da pesquisa como um trabalho coletivo, de aprendizagem e que se faz a partir dos interesses de cada graduanda.

Conforme suas experiências, o curso de pedagogia prepara seus(as) discentes para pesquisa, através de produções nas disciplinas, nos eventos e nos programas, como o PIBIC e o PIBID. Contudo, Apolo aponta que [...] não é algo explícito [...] não existe um incentivo explícito, a questão de fazer, com que o aluno se veja como pesquisador ou então, eh, questões oficinas e tal, voltadas pra essa questão da pesquisa e tudo mais [...]. Ou seja, apesar de confirmarem que o curso lhes prepara para a pesquisa, também apontam que “o problema, é que o curso, muitas vezes, ele só é voltado pra isso, para o TCC, para uma única pesquisa científica [...]” (Ribeirinha), portanto torna-se algo situado em uma atividade específica.

Destacando também, que: “[...] alguns professores do curso lhe auxiliam, mas não é o curso em si, não são todos os professores que lhe colocam nesse caminho [...]” (Azul), e ao questionar, sobre como estes(as) professores(as) lhes auxiliam, Azul fala que é “[...] trazendo, né, a vivência deles como pesquisadores, [...] eles trazem, eh materiais, [...] trouxeram modelos, eh várias formas, assim, que eles encontraram né, de instigar isso pra gente[...]”. Com isso, se questiona: O quão importante se faz a presença de professores(as) pesquisadores(as), na formação de futuros(as) professores(as) pesquisadores? Essa é uma questão que surge a partir das respostas das graduandas, pois embora sejam em perguntas diferentes, as entrevistadas enfatizam o quanto a ajuda, o auxílio dos(as) professores(as), são de fato importante para sua formação. A menção a estes(as), que contribuíram de forma significativa, durante sua graduação, é destacada durante todos os seus discursos.

Todas, consideram-se satisfeitas, com as contribuições do curso para sua formação, sente-se satisfeitas com o caminho que percorrem durante a graduação. Mas, ainda destacam coisas, que poderiam melhorar para os(as) próximos(as) que viram, por exemplo: oferta de disciplinas ou oficinas voltadas para leitura e escrita acadêmica, estruturação de trabalhos, mais vagas em projetos de extensão e projetos de pesquisa.

Todas afirmam ter perspectiva de continuar sua vida acadêmica, ingressando no mestrado, e talvez em um doutorado. E que “[...] embora não seja claro, desde o início do curso, se você tiver bons professores, uma boa orientação desse ele te instiga, a querer pesquisar, escreve, publicar, e tudo mais [...]” (Azul).

Assim, conforme Kirsch (2007), independente, da trajetória profissional que o(a) discente busque seguir após o término de sua formação inicial, é relevante que estes(estas) tenham experiências com a pesquisa, que consigam aprender de maneira significativa, para usufruir dos conhecimentos adquiridos nesta formação, tornando-a sólida e consistente para o exercício de sua profissão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi norteado pelo seguinte questionamento: Qual o percurso de formação para a pesquisa dos(as) graduandos(as) do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB? Tendo, como objetivo compreender o percurso dos(as) formandos(as) no Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB, sobre a pesquisa na graduação.

Assim, conforme visto no decorrer de todo o trabalho, vemos que a discussão sobre a pesquisa na graduação, a formação de professores(as) a partir da graduação, ainda é muito carente no meio acadêmico, pois, infelizmente, a universidade entende a pesquisa como um objeto relacionado à Pós-Graduação (mestrado e doutorado). Assim, a pesquisa acaba por se tornar intelectualmente elitizada.

A carência da pesquisa na graduação, torna-se uma lacuna na formação de professores(as), na formação dos(as) graduandos(as). Na universidade existem programas, como PIBIC, e demais, voltado para os(as) discentes de graduação. No entanto, infelizmente, também são elitizados, pois não atendem a todos(as) os(as) graduandos(as). Muitos(as) não têm a oportunidade de fazer parte desses programas. Ou seja, é uma política que não universaliza o direito à pesquisa.

Contudo, a universidade deve oferta aos(as) discentes, o ensino, a pesquisa e a extensão, pois estes associados formam um sujeito crítico e reflexivo, um(a) professor(a) pesquisador(a), investigativo(a) de sua própria prática educacional, compreendo sua classe, o sistema político, a diversidade de cultura, a comunidade, o saber ensinar, mas também o saber aprender.

As graduandas entrevistadas entendem que a pesquisa é um meio de se estudar determinado fenômeno, um instrumento de investigação, ou seja, a pesquisa, são práticas desenvolvidas durante curso. E está compreensão parte das aulas, e das experiências compartilhadas pelos(as) professores(as) durante o decorrer do curso.

Desta forma, as mesmas consideram que na graduação, para sua formação enquanto pesquisadoras foi importante terem tido contato com produções de artigos científicos, pesquisas bibliográficas, como também a participação de programas institucionais como o PIBIC e o PIBID. Ademais, concluem que a formação no curso de Pedagogia no CFP corrobora para a formação enquanto futuros(as) professores(as) pesquisadores(as). Contudo, as discentes deixam claro que apesar de não serem todos(as) os(as) professores(as), destacarem a

importância da pesquisa na graduação, os(as) que relatam sua experiência foram essenciais para sua formação.

Assim, acredito que o objetivo desta pesquisa foi alcançado, pois diante dos relatos das graduandas vemos que no Curso de Pedagogia, existe sim, uma formação para professores(as) pesquisadores(as), contudo esta compreensão não parte de todos(as) os(as) docentes, como também, nem sempre, é um ensino intencional. Portanto, como foi vista no decorrer de todo o trabalho, e o quanto está se faz fundamental, esta pesquisa apresenta a seguinte questão para o curso: Qual a importância de professores(as) pesquisadores(as) na formação dos(as) futuros(as) professores(as) no Curso de Pedagogia?

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Monaliza Silva de; SILVA JÚNIOR, Paulo Roberto da. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 25, n. 2, jul-dez, p. 127-163, 2020.
- ALVES, Liduína Lopes; MARINHO, Gabrielle Silva. Relação familiar e afetividade para o desenvolvimento da aprendizagem. 2012.
- BARZOTTO, Valdir Heitor. Os efeitos da pesquisa na graduação. In: JOCA, Alexandre Martins; MARTINS, Racquel Valério (Orgs). Dizeres educacionais, interculturalidade e meio ambiente: conferências e palestras do Fórum Internacional de Pedagogia, edição Salamanca, 14 a 16 de outubro de 2020. 2. ed., Cajazeiras: AINPGP, 2021.
- BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 9ª edição. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2003.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Diário Oficial da União 2016; 7 abr. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- BRIDI, Jamile Cristina Ajub; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. O impacto da Iniciação Científica na formação universitária. **Olhar de professor**, v. 7, n. 2, 2004.
- BRIDI, Jamile C. A. **A pesquisa nas universidades brasileiras: implicações e perspectivas**. In: Iniciação científica aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro Luciana Massi Salete Linhares Queiroz (Orgs.). p. 13-35, 2015.
- BRITO, Rosa Mendonça de. Breve histórico do curso de pedagogia no Brasil. 2006.
- DEMO, Pedro. **Introdução da metodologia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- FERNANDES, Dorgival Gonçalves. Fazer(-se) pesquisador/a na graduação em Educação. In: **Inferências sobre a (e na graduação)**. Organizadores: Alexandre Martins Joca, Daniel Valério Martins, Elzanir dos Santos. Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2021. (Processos formativos e produção do conhecimento. V. 1).
- FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Da leitura do mundo à leitura da palavra**. 1982.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FREIRE, Paulo, **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1997.
- GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JACCOUD, L.; BEGHIN, N. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília, DF: IPEA, 2002.
- JOCA, Alexandre Martins; (In)formação, conhecimento e universidade em contextos de ascensão do negacionismo científico. **In: Educação como resistência democrática: conferências e palestras do XII FIPED 2021**. / Organizadores: Alexandre Martins Joca, Marcelo Vieira Pustilnik, Tânia Serra Azul Machado Bezerra. Cajazeiras/PB: AINPGP, 2022.
- JOCA, Alexandre Martins; SANTOS; Elzanir. Desafios iniciais do faze-se pesquisador(a): (des)encontros que fazem caminhos. **In: A pesquisa na graduação: reflexões, experiências e saberes do(dis)cente** [recuso eletrônico] / Organizadores: Alexandre Martins Joca, Kássia Mota de Sousa, Viviane Guidoiti. Cajazeiras: AINPGP, 2020.
- _____. Formação e Conhecimento: a Educação como resistência ao obscurantismo. **In: Inferências sobre a (e na graduação)**. 1. ed. / Organizadores: Alexandre Martins Joca, Daniel Valério Martins, Elzanir dos Santos. Cajazeiras: AINPGP, 2021. (Processos formativos e produção do conhecimento. V. 1).
- KIRSCH, Deise Becker. A Iniciação Científica na Formação Inicial de Professores: repercussões no processo formativo de egressas do curso de pedagogia. Dissertação de Mestrado. Santa Maria – RS, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em revista**, n. 17, p. 153-176, 2001.
- LUCKESI, Carlos Cipriano. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1984.
- LÜDKE, Menga. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, v. 22, p. 77-96, 2001.
- MAIA, Rosane Tolentino. A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade no nível superior. **Revista Urutágua**, v. 14, n. 1, p. 1-8, 2008.
- MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230098, 2018.
- MELO, Natali; LYRA, Keila Alves P. A **Importância do PIBID e do PIBIC: uma reflexão sobre programas de formação docente**. Iniciação Científica CESUMAR. Jan./jun. v 22, n1, p. 133-139, 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MOREIRA, A. Vidas negras importam na universidade? o adoecimento psíquico de estudantes negras e negros. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/As Negros/As (ABPN)**, Curitiba, v. 13 n. 37, p. 123-150, jun./ago. 2021.
- NETTO, Carlos Alexandre; ROCHA, Marininha Aranha. **A iniciação científica na UFRGS: um projeto institucional**. 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PIRES, Regina Celi Machado. **A formação inicial do professor pesquisador universitário no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq e a prática profissional de seus egressos: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia**. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional**. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12, n. 34. abr/2007.

SANTOS, Charlene Carneiro Quinto dos; RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A importância da relação professor e estudante no Ensino Superior para a motivação da aprendizagem**. **Revista Educar Mais**, v. 7, p. 665-682, 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Juliana Paula Neri da; DIAS, Luciana Campos De Oliveira. **História Da Pedagogia No Brasil: Uma Análise Do Curso De Pedagogia, Da Formação Da Identidade Do Pedagogo E Sua Práxis Na Perspectiva Da Contemporaneidade**. 2023, P. 987-1006.

SOARES, Marisa; SEVERINO, Antônio Joaquim. **A prática da pesquisa no ensino superior: conhecimento pertencente na formação humana**. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 23, n. 02, p. 372-390, jul. 2018.

SNYDERS, G. **Feliz na universidade: estudo a partir de algumas biografias**. Tradução de Antônio de Padua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

XAVIER, Libânea Nacif. **A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária**. **Revista Brasileira de Educação** v.19 n. 59 out.-dez., 2014.

ZAGZEBSKI, Linda. **O que é conhecimento**. GRECO, John e SOSA, Ernest (1999). **Compêndio de Epistemologia**. Trad. Alessandra S. Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, p. 153-189, 2008.

APÊNDICE 01

ROTEIRO – Entrevista Semiestruturada

1. Nome, idade, gênero, escola que estudou (pública ou particular)?
2. Me fale um pouco sobre sua percepção do curso, o que você pensava sobre ele e o que você achava que iria fazer/aprender aqui?
3. O que você entende por “pesquisa científica”?
4. O que te ajudou a compreender a pesquisa dessa forma?
5. O que é necessário para uma pessoa tornar-se pesquisador/a?
6. Como você se sente em relação ao exercício da pesquisa? Por quê?
7. O curso de pedagogia contribuiu para lhe aproximar da pesquisa? Como?
8. Quais são suas experiências com pesquisa no curso de pedagogia?
9. O que você entende como formação inicial para a pesquisa na graduação?
10. Como o curso lhe preparou inicialmente para a pesquisa? O curso ofertou meios para isto? Quais? (projetos, eventos e/ou minicursos relacionados a escrita acadêmica)
11. Você considera que existe uma formação inicial para a pesquisa neste curso? Onde? Como acontece?
12. Existem dificuldades para a realização de pesquisas no curso? Quais?

- 13.** Você já pensou em ser um pesquisador/a? O curso lhe auxilia para ser um/a pesquisador/a?
De que maneira?
- 14.** Você se considera satisfeito(a) com as contribuições do curso para sua formação enquanto um/a discente e futuro/a docente pesquisador/a?
- 15.** Você tem planos/perspectivas de continuar a vida acadêmica e tornar-se um/uma pesquisador/a?

APÊNDICE 02



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **PESQUISA NA GRADUAÇÃO: O PERCURSO DE FORMAÇÃO DO(A)S GRADUANDO(A)S PARA A PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA (CFP/UFCG)**, realizado por **Mariana da Silva Nascimento** e coordenado pelo professor **Alexandre Martins Joca**, vinculado a **Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores – CFP da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: Conhecer as percepções práticas dos formandos sobre pesquisa no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras/PB.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Assinar Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE), responder a uma pesquisa semiestruturada com alguns questionamentos a respeito de suas vivências no curso de pedagogia em relação a pesquisa.

Sendo um estudo que apresenta riscos mínimos como, cansaço ou aborrecimento ao responder as questões, estresse e/ou medo de não saber responder. Buscando minimizar esses riscos, será assegurado a confidencialidade e privacidade do sujeito da pesquisa, garantir liberdade de resposta ou desistência se assim o julgar melhor, firmar compromisso de respeito mediante aos valores culturais, sociais, religiosos, morais e éticos. Os benefícios da pesquisa serão: ganho de mais conhecimento para a área de formação de professores(as).

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Pedimos sua autorização para publicação das informações prestadas para fins deste Trabalho de Conclusão de Curso bem como em outros espaços de publicações acadêmicas.

Esta pesquisa atende às exigências das Resoluções 466/2012, que estabelece diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Mariana da Silva Nascimento** cujos dados para contato estão especificados abaixo

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Mariana da Silva Nascimento

Instituição: Universidade de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Coronel João pereira – Nazarezinho/PB

Telefone: 83 981092667

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras/PB, ____ de _____ de 202

voluntário ou responsável legal

Mariana da Silva Nascimento
Responsável pelo estudo